

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

DANIEL FELIPE QUADROS DE AZEVEDO

A COR DE QUEM? UMA ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO JORNALISMO DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

DANIEL FELIPE QUADROS DE AZEVEDO

A COR DE QUEM?

**uma análise da representatividade negra no jornalismo de ciência e tecnologia no
Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

Porto Alegre

2019

DANIEL FELIPE QUADROS DE AZEVEDO

A COR DE QUEM?

**uma análise da representatividade negra no jornalismo de ciência e tecnologia no
Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tércio Saccol

Orientador

Prof.^a Dr.^a Camila Garcia Kieling

Examinadora

Prof.^a Me. Fernanda Cristine Vasconcellos da Silva

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos líderes do movimento negro e abolicionista, que ao longo da história lutaram, não apenas pelos seus futuros, mas pelos dos que também haviam de vir.

Aos meus pais e minha família, que, como exemplos de superação, ainda jovens conquistaram sua independência e contrariaram estatísticas. Continuaram vivos, tornando-se minha base. Meu tudo.

Aos que não desistiram de lutar e aos que foram silenciados.

À Marielle Franco.

Ao **respeito** ao próximo e ao direito à vida, de amar, de se expressar e de Ser.

Aos meus amigos, irmãos e irmãs.

Ao Tércio Saccol, por estender a mão, ser amigo e ponto de apoio.

Aos professores, que de alguma forma ajudaram no meu desenvolvimento, enquanto profissional e pessoa.

Aos que virão.

À **paz**.

Ao **amor**.

A um Brasil pertencente aos seus, de fato.

Uma pessoa é uma pessoa, por causa das outras pessoas.

Ditado sul africano da filosofia Ubuntu. Seu nome significa:

sou quem sou, porque somos todos nós.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo saber como é a representação e a representatividade de negros e negras no jornalismo de ciência e tecnologia no Brasil. Os objetos de estudo escolhidos foram as reportagens presentes nas edições de setembro, outubro e novembro de 2018 das revistas Galileu e Superinteressante, duas das maiores publicações do gênero e de maior circulação no país. Para compreender com que frequência pessoas negras aparecem nas produções e em que contexto, é utilizada a metodologia da análise de conteúdo, com apoio de dados quantitativos sobre a incidência dessas fontes em textos e imagens. O referencial teórico desta monografia inclui, entre outras, as obras de Adichie (2014), Daves (2016) e Ribeiro (2018), que abordam questões de representatividade negra, racismo, inclusão social e local de fala; Cintra (2007) e Borges e Borges (2012), que falam sobre a presença da figura negra no jornalismo e na mídia; Oliveira (2007) e Bueno (2009) que abordam o que é o jornalismo científico e sobre essa editoria no Brasil; Hall e Woodward (2000), que discorrem sobre estudos culturais e identidade; Durkheim (2011), ao abordar a respeito do fato social e a divisão de trabalho no Brasil; além de Bardin (2009) e Moraes (1999), que explicam a metodologia de análise de conteúdo, sua aplicação e eficiência. O autor conclui que a representatividade e a representação negra nesta editoria são escassas, com uma visibilidade limitada, e demonstra baixa pluralidade de temas e contextos abordados, o que abre margem para diversos debates e discussões sobre o tema.

Palavras chaves: Jornalismo científico. Jornalismo de tecnologia. Ciência e tecnologia. Diversidade étnico-racial. Representatividade. Representação. Jornalismo especializado. Mídia impressa. Racismo. Pessoas negras. Comunidade negra. Movimento negro.

ABSTRACT

This research aims to provide a better understanding of the diversity present in the coverage of scientific journalism, to make an analysis of the black representation in this section in Brazil. The study objects chosen were the reports of Galileo and Superinteressante magazines, two of the largest publications of the genre and the largest circulation in the country, in the editions of September, October and November of 2018. To understand how often black people appear in productions and in what context the methodology of content analysis is used, with the support of quantitative data on the incidence of these sources in texts and images. The theoretical reference of this research includes, among others, the studies of Adichie (2014), Daves (2016) and Ribeiro (2018) about problematic of black representativeness, racism, social inclusion and place of speech. Cintra (2007), and Borges and Borges (2012) talking about the presence of the black figure in journalism and the media. Oliveira (2007) and Bueno (2009) that address what is scientific journalism and about this section in Brazil. Moraes (1999) Hall and Woodward (2000), which discuss cultural studies and identity. Durkheim (2011), when discussing the social fact and the division of labor in Brazil, besides Bardin (2009) and Moraes (1999), explain the methodology of content analysis, its application and efficiency. The author concludes that the black representativeness in this edition is scarce, has limited visibility and demonstrates low plurality of themes and contexts presented.

Keywords: Scientific journalism. Technology Journalism. Science and technology. Ethnic-racial diversity. Representativity. Representation. Specialized journalism. Press meda. Racism. Black people. African-descendants. Black community. Black Movement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perseus Libertando Andrômeda.....	18
Figura 2 - Machado de Assis	20
Figura 3 - Parte do elenco do filme Pantera Negra	23
Figura 4 - Tons de pele segundo paleta do blog de beleza e maquiagem	25
Figura 5 - Campanha Skolors de 2017 celebra a diversidade	26
Figura 6 - Padrões avaliativos presente no anexo IV - IFPA	26
Figura 7 - Dados de raça e gênero - PUCRS	32
Figura 8 - João do Rio	36
Figura 9 - Glória Maria.....	38
Figura 10 - Luciana Barreto	40
Figura 11 - Heraldo Pereira	43
Figura 12 - Superinteressante x Galileu	59
Figura 13 - Superinteressante	59
Figura 14 - Revista Galileu	60
Figura 15 - Capa Revista Galileu.....	64
Figura 16 - Ahmed Zewail.....	66
Figura 17 - Solange Ferraz de Lima	66
Figura 18 - Juliana Monteiro	67
Figura 19 - Guilherme Boulos e Marina Silva	67
Figura 20 - Edithe Pereira.....	68
Figura 21 - Jesus Histórico	69
Figura 22 - Vander Corteze	69
Figura 23 - Chico Mendes e Marina Silva.....	70
Figura 24 - Johny Isla	71
Figura 25 - Resultados	72
Figura 26 - Video game é coisa séria!	73
Figura 27 - O francês renascido	74
Figura 28 - Vamos nadar, campeões?	74
Figura 29 - Os heróis desconhecidos da escravidão	76

Figura 30 - O país do agrotóxico	76
Figura 31 - Mapeamento do DNA.....	77
Figura 32 - Resultados	78
Figura 33 - Equipe de repórteres.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual dos entrevistados segundo o interesse declarado em ciência e tecnologia e outros temas	47
Gráfico 2 - Percentual dos entrevistados segundo a frequência declarada de informações sobre C&T, por meios de divulgação	48
Gráfico 3 - Distribuição das bolsas do CNPq em todas as modalidades no País, segundo cor/raça	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NO JORNALISMO BRASILEIRO.....	13
2.1 O que é representatividade?	13
2.2 O que é representatividade quando o povo negro está em pauta?	17
2.3 O negro além da definição étnico-racial, uma construção social	23
2.4 Reflexos: história do negro no mercado de trabalho brasileiro	29
2.5 Presença do negro no jornalismo	33
<i>2.5.1 O negro como exceção: profissionais em ascensão no jornalismo</i>	<i>36</i>
3 O JORNALISMO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C&T) NO BRASIL	44
3.1 Perfil da cobertura de ciência e tecnologia	49
3.2 O mapa étnico e de gênero da ciência no Brasil	53
<i>3.2.1 Iniciativas para mudar o cenário de C&T</i>	<i>56</i>
4 O NEGRO NA COBERTURA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA.....	58
4.1 A Revista Superinteressante e a Revista Galileu	58
4.2 Metodologia: análise de conteúdo	60
4.3 Uma análise da representatividade negra no jornalismo de ciência e tecnologia no Brasil.....	63
<i>4.3.1 Quem é quem: análise das fontes negras nas reportagens das Revistas Galileu e Superinteressante.....</i>	<i>65</i>
<i>4.3.2 Quem aparece e onde: análise das imagens de pessoas negras nas reportagens de Galileu e Superinteressante.....</i>	<i>72</i>
<i>4.3.3 Por trás das pautas: quem constrói e produz as narrativas da Galileu e da Superinteressante.....</i>	<i>78</i>
<i>4.3.4 Inferências sobre as fontes analisadas</i>	<i>80</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	85

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será analisado brevemente o panorama da diversidade étnico-racial no jornalismo de ciência e tecnologia brasileiro. Para isso, serão observadas as fontes presentes em textos, fotografias e ilustrações das reportagens de setembro, outubro e novembro de 2018 das revistas Galileu e Superinteressante. A partir do levantamento total de entrevistados e imagens, os contextos aos quais eles estão inseridos serão aprofundados, com possíveis inferências.

Este enfoque foi selecionado devido à importância do tema, uma vez que encontrar dados oficiais sobre representatividade negra na mídia e na imprensa brasileira é uma missão árdua, em diferentes editorias, apesar desta população ser maioria em geral. Espera-se que os resultados desta monografia permitam novos debates sobre o tema.

Para poder compreender melhor o contexto do negro enquanto fonte científica e jornalística dentro da editoria de ciência e tecnologia, este trabalho contará com o apoio de diversos autores. Alguns deles são: Bardin (2009), sobre análise de conteúdo, suas possíveis aplicações e formas de extrair resultados concretos; Ribeiro (2018), ao tentar abordar sobre temas do cotidiano de uma pessoa negra, racismo estrutural, contexto do movimento no Brasil e representatividade; Cintra (2007), para mostrar como o negro aparece na mídia; Oliveira (2007), ao falar do fazer do jornalismo científico; e Hall (2000), para discorrer sobre estudos culturais e a sociedade.

No segundo capítulo será discutido sobre a representatividade, a representação negra no jornalismo e quais espaços esses profissionais têm ocupado. Discutiremos, no primeiro subcapítulo, o que é representatividade e representação, bem como quais as suas diferenças com o apoio de Woodward (2000), que explicará os seus significados e a importância dos representantes. No segundo subcapítulo, será feito um breve levantamento histórico sobre como a figura do negro é representada ao longo da história e quais as características atribuídas a ele, com ajuda de Junqueira (2005). A construção social sobre o que é ser negro será debatida no terceiro subcapítulo, para tentar conceituar e definir critérios de avaliação úteis na elaboração da análise do objeto de estudo. Com isso, no quarto subcapítulo, uma linha do tempo com dados sobre quais locais as pessoas negras historicamente ocupam no mercado de trabalho brasileiro será

construída. No subtópico quinto, a presença da figura do jornalista negro será identificada na mídia brasileira, para ajudar a compreender quais são os espaços ocupados e suas posições de poder.

O jornalismo de ciência e tecnologia no Brasil será contextualizado no terceiro capítulo, com ajuda de Oliveira (2007), além de explicar os temas abrangidos nesta área e a visão do público geral sobre ela. No primeiro subcapítulo, Cini (1998) aborda o perfil deste tipo de cobertura. No terceiro subcapítulo, será abordado brevemente o recorte étnico-racial e gênero encontrado, com base em pesquisa, como CNPQ (2015), além de mostrar iniciativas que promovem a conscientização sobre o tema.

No quarto capítulo será analisada a representatividade negra na editoria. O perfil das revistas Galileu e Superinteressante estará no primeiro subcapítulo; uma explicação da metodologia de análise de conteúdo, baseada em Bardin (2009), no segundo capítulo; e, por fim, será analisada a representatividade negra no jornalismo de ciência e tecnologia, com base nas reportagens dos meses de setembro, outubro e novembro de 2018 das revistas Galileu e Superinteressante, e suas respectivas quantificações.

2 REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NO JORNALISMO BRASILEIRO

Neste capítulo, serão abordados diferentes aspectos da construção da representatividade das pessoas negras no jornalismo de ciência e tecnologia no Brasil. Serão levantados dados, fontes e fatos ao longo da história para tentar dar o melhor contexto possível, para que estas percepções e inferências se aprofundem na análise.

2.1 O que é representatividade?

*A representação era sobre um grande teatro.
A representatividade é sobre uma grande verdade.*

David Laloum

O jornalismo e suas áreas de atuação permitem diferentes formas de se trabalhar no meio de comunicação. No jornalismo especializado sobre ciência e tecnologia, não é diferente. Quem prepara esses conteúdos e quais são os resultados dessa construção no produto final quando se trata de representatividade, é o que essa análise se propõe a tentar entender.

Representatividade e representação remetem a algo capaz de exprimir o embasamento, o ponto de vista, as características e o contexto de algo ou alguém. Estar representado em algo ou algum lugar significa estar lá ou conseguir enxergar-se nesta posição de certa forma. Isso acontece através de uma figura que carrega características, discursos ou aspectos que o indivíduo pode considerar seus ou pelo que este personagem, ao ocupar determinado espaço, lhe faz referência. Despertar a sensação de empatia e entendimento por questões sociais ou de vivências de uma pessoa pode ser representativo.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses

sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2000. p. 91)

Ser representado, como Lizandra e Agnaldo (2009) – pesquisadores do Observatório dos Direitos do Cidadão/Equipe de Participação Cidadã do Instituto Pólis, não deixam de ser enfáticos, é ter a sua voz ouvida:

Representar significa “fazer as vezes do outro” ou “estar no lugar do outro” em um determinado momento ou espaço. Quando alguém se apresenta como representante do bairro ou do movimento, esperamos que ele ou ela vá defender os interesses do bairro ou do movimento em um debate, já que não é possível, muitas vezes, que todas as pessoas do bairro ou do movimento estejam presentes ou se manifestem em um debate. É por isso que existem representantes: para falar em nome de outras pessoas que por algum motivo não poderão apresentar suas demandas e interesses e por isso delegam esta tarefa a uma pessoa. (SERAFIM; SANTOS, 2009, p. 2)

Representação pode fazer referência a algo simples e fictício, como a arte e as produções cinematográficas, ou a própria realidade, como a mídia, imprensa e o jornalismo, que exprimem o cotidiano da população. “Acto ou effeito de representar [...] Coisa que representa; Exposição de queixas ou pedidos, dirigida ao Governo ou a outras autoridades. Ostentação inerente a um cargo. Qualidade recommendável”, do latim *repraesentatio* (FIGUEIREDO, 1913, p. 1743). Já representatividade diz respeito ao ato de representar um grupo ou segmento com qualidade e afetividade. Que é representativo. “Representativo: Que representa. Que é próprio para representar alguma coisa ou que tem por fim representá-la” (FIGUEIREDO, 1913, p. 1744).

Apesar de serem diferentes, ambas têm sua intersecção em significado e objetivo: representar. “Tornar presente. [...] Expor Claramente. Reproduzir por meio de imagem. Figurar. Sêr a imagem ou a reprodução de [...] Significar [...] Dirigir respeitosamente uma queixa [...] Exercer funções de actor. Desempenhar qualquer papel”, do latim *repraesentare* (FIGUEIREDO, 1913, p. 1743).

A forma que a sociedade entende e reflete sobre seus comportamentos, que se tornaram hábitos, tanto pela repetição, quanto pela conformidade, não deixam de ser um fator importante ao analisar esta questão. Para Émile Durkheim (1895), a organização social estaria baseada em fatos sociais e, para entender o funcionamento desse processo, seria necessário aplicar um método que possibilitaria os projetar enquanto

objeto de estudo passíveis de análise. Segundo ele, o homem naturalmente cria falsas ilusões sobre as coisas que o rodeiam. O poder do fato social é reconhecido pela sua capacidade de coerção externa exercido sobre os indivíduos.

Quando desempenho minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumpro deveres que estão definidos, fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os fiz, mas os recebi pela educação [...] Eis aí, portanto, maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam essa notável propriedade de existirem fora das consciências individuais. (DURKHEIM, 1985, p. 1)

Os contextos ao qual os indivíduos estão inseridos influenciam nos papéis que eles incorporam em suas rotinas, independentemente das manifestações individuais (DURKHEIM, 2014). Esses papéis sociais podem ser “toda maneira de fazer, suscetível de exercer sobre os indivíduos uma coerção exterior, ou, ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade possui uma existência própria” (DURKHEIM, 1999, p, 13).

Alguns aspectos desse comportamento social são abordados através de vieses e enquadramentos sociológicos e antropológicos, como explicam Santos e Dias (2015).

Segundo Moscovici (1995), a representação social ou coletiva é um fenômeno psicossocial que nasceu na Sociologia clássica e na Antropologia, cuja teoria se desenvolveu especialmente nas obras de Durkheim e Lévy-Bruhl. Porém, a Psicologia Social contribui nesta formação, possibilitando o novo olhar sobre os indivíduos e sobre suas interações sociais. De acordo com Farr (1995), a Teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica de Psicologia Social. (SANTOS; DIAS, 2015, p.174)

Conforme a doutora em sociologia e ex-consultora de Pesquisa e Avaliação de Projetos das Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), esse sistema reflete a maneira que a sociedade se organiza e como seus participantes reagem ao esquema.

As representações sociais são um sistema (ou sistemas) de interpretação da realidade, que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhe interiorizar as experiências, as práticas sociais e os modelos de conduta ao mesmo tempo em que constrói e se apropria de objetos socializados. (XAVIER, 2002, n.p.)

Segundo a pesquisadora, as representações sociais fundamentam os comportamentos dos "atores", por isso a importância sociológica de estudar essas relações e seus contextos sociais e aquilo que lhes acontece (XAVIER, 2002).

Essas representações são diferentes, dependendo de qual público está sendo falado. Neste aspecto, percebe-se um contraste entre o tratamento dado a pessoas negras e pessoas não negras, em diferentes aspectos da sociedade, tanto na factualidade da realidade (locais de fala e representatividade em si), quanto na forma que esses públicos são mostrados em materiais publicitário, por exemplo, abrangendo parte da área da comunicação social.

Conforme o prefácio de Davis (2016), escrito por Djamila Ribeiro, colocar pessoas negras representadas em diferentes situações é algo relevante para o empoderamento do movimento negro.

Acredita que representação é importante, sobretudo no que diz respeito à população negra, ainda majoritariamente fora de espaços de poder. No entanto, tal importância não pode significar a incompreensão de seus limites. Para além de simplesmente ocupar espaços, é necessário um real comprometimento em romper com lógicas opressoras. (RIBEIRO, 2016, p. 20)

Dar o tratamento e a normalidade devida a essas temáticas ajudam que quem precisa ser representado, por algum motivo, seja validado.

Essa diferença é exemplificada pelo jornalista David Laloum (2016), ao analisar a evolução nos posicionamentos de grandes marcas. Nos últimos anos, empresas como Dove e Natura têm se preocupado em exibir diferentes histórias de vida em seus cases em propagandas. Pessoas diversas ganharam mais espaço, ou seja, com mais representatividade. "Foi um passo marcante para essa nova era, quando as propagandas pararam com a representação e vão em direção à representatividade. A representação era sobre um grande teatro. A representatividade é sobre uma grande verdade" (LALOUM, 2016, n.p.).

O autor reforça que, cada vez mais, as linguagens desses conteúdos são documentárias, menos produzidas, de forma que o público reconheça o resultado final como verdade ou crível:

As marcas se ativam e viram ativistas. Defendem causas, agindo e não só falando. [...] Representatividade é sobre transparência, legitimidade, inclusão, diversidade, inovação: substantivos que não são sinônimos, mas que traduzem em comum os valores de uma nova ética e estética de marca. (LALOUM, 2016, n.p.)

Conforme observado pelos autores Davis (2016), Ribeiro (2016), Xavier (2002) e Laloum (2016), as relações que as pessoas têm em seu cotidiano não só formam suas construções sociais, as quais os indivíduos acreditam, mas também quem são as suas representatividades. “As representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, são formadas pelo conjunto de ideias da vida cotidiana, construída nas relações estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais” (MOSCOVICI, 2002, p. 64).

Para transformar o que não é familiar, em familiar, Moscovici (2010) acredita que as pessoas tendem a transferir o que está na esfera particular para onde podem ser classificadas. E, assim, reproduzi-las como coisas que podem ver e tocar, comparar, interpretar e até mesmo controlar.

A partir desses pressupostos torna-se essencial o resgate das concepções teóricas, sociológicas e psicológicas, que colaboraram diretamente ou indiretamente para o surgimento da Teoria das Representações Sociais. [...] É necessário considerar que a Teoria das Representações Sociais não nasce apenas das discussões da Sociologia ou da Psicologia Social, mas de um conjunto de contribuições filosóficas, antropológicas, sociológicas, psicológicas que, ao longo dos processos históricos, são indispensáveis para corroborar ou refutar a Teoria das Representações Sociais. (SANTOS; DIAS, 2015, p. 175)

Entende-se que a representatividade e a representação são conceitos importantes, embora diferentes. A representação pode ser considerada o primeiro passo, o básico, em direção a uma representatividade real de algo em algum lugar.

2.2 O que é representatividade quando o povo negro está em pauta?

É um mundo que a gente não tem acesso.

Lilian Santiago

É possível perceber que, desde os tempos antigos, a figura negra é ocultada de obras de arte, imagens de poder, entre outros. Como no caso da pintura **Perseus Libertando Andrômeda**, do artista Piero di Cosimo, onde a princesa é retratada como branca:

Figura 1 - Perseus Libertando Andrômeda



Fonte: Galer (2019)

A questão é: Andrômeda era negra. Mas exibi-la conforme ela era de nascença seria um problema para a época. Apesar de diversas menções à princesa como negra, sua imagem caucasiana leva a crer em um embranquecimento proposital. Elizabeth McGrath (1992) é uma historiadora da arte britânica que aborda alguns aspectos sobre isso em seu artigo **A Andrômeda Negra**. A jornalista da BBC Future Sophia Smith Galer aponta três pontos de destaque levantados no texto de McGrath: Andrômeda foi definida pelos mitógrafos da Grécia como uma princesa da Etiópia; apesar da omissão histórica da arte ocidental, frequentemente promovida por parte de artistas, o poeta romano Ovídio sempre referenciava a pele dela como negra; isso acontecia porque Andrômeda deveria ser bonita: beleza e negritude – para muitos deles – eram conceitos separados (GALER, 2019).

Essa discriminação é reflexo dos conceitos de beleza e estereótipos do que significa ser negro. Ela está intimamente ligada à desigualdade social, afirma Junqueira

(2005), como mecanismo de dominação social a partir de um poder simbólico não visível, quando analisados apenas com recursos teóricos e metodológicos modernos da ciência social.

Apesar de a população negra ser descrita como minoria em diversas falas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, 54% dos brasileiros e brasileiras declaram que têm pele negra ou parda. Ou seja, a maioria. Isso acontece porque esse grupo é menos representado, de forma geral, em espaços com recorte social, étnico-racial e financeiro. É o que explica Angela Davis (2016) em seu livro, filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis:

Acredita que representação é importante, sobretudo no que diz respeito à população negra, ainda majoritariamente fora de espaços de poder. No entanto, tal importância não pode significar a incompreensão de seus limites. Para além de simplesmente ocupar espaços, é necessário um real comprometimento em romper com lógicas opressoras. (DAVIS, 2016, p. 20)

Entendendo que, por motivos sociais, cabe discernir as diferenças entre ser negro, pardo e preto. As pesquisas oficiais de maior referência costumam utilizar, por padrão, essas categorias de formas distintas. Entretanto, mesmo que para fins de quantificação, elas podem ser agrupadas. Desde o primeiro censo, a categoria “pardo” foi incluída para dimensionar o estrato da população que não se classificaria nem como branco, nem como preto. Esse grupo é resultado de pais e mães de diferentes etnias e raças, que tiveram filhos com traços de ambos. Eles não são brancos e, por isso, são outras coisas, assim como os negros. É o que explica o cientista político Luiz Augusto Campos (2013, p. 84), em sua análise para a revista Insight Inteligência: “não é gratuito, por exemplo, que no questionário utilizado no último censo, a opção “pardo” apareça depois da opção ‘branco’ e ‘preto’, sugerindo que a escolha por ela deve ser feita somente após a recusa das alternativas polares”.

O conceito de discriminação social diz respeito a relações sociais caracterizadas por uma representação estigmatizadora do outro e de si mesmo que constrói identidades polarizadas com valores positivo e negativo, justificando no nível

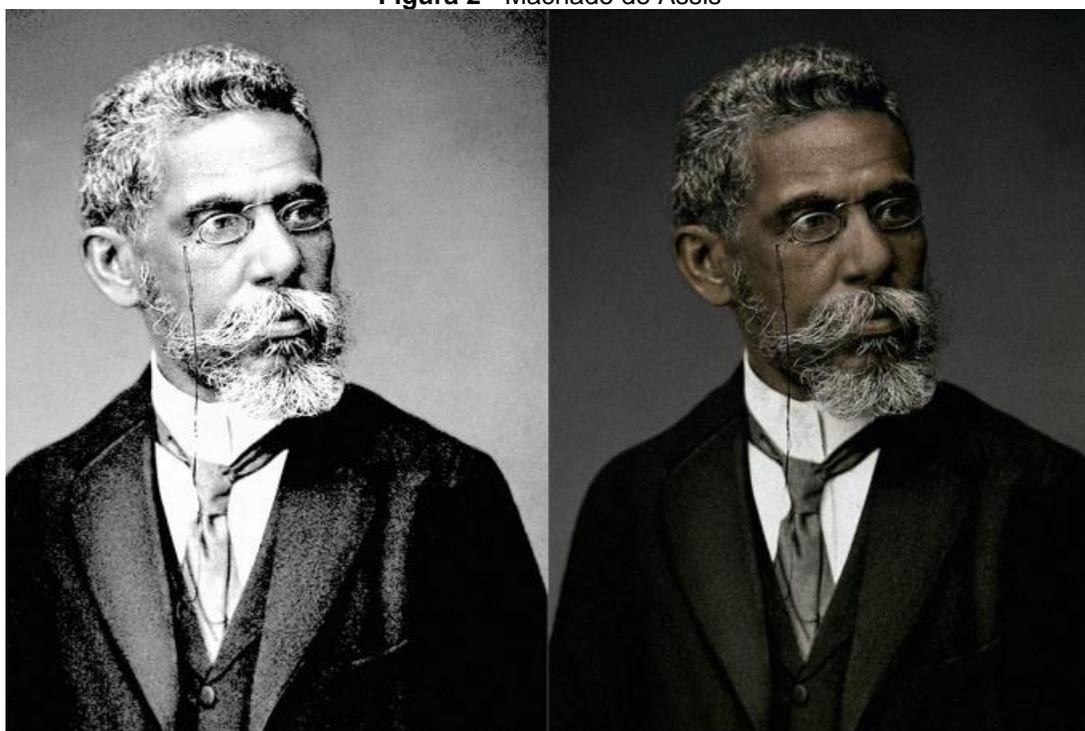
¹ Estadão (2017).

simbólico os preconceitos sociais de gênero, raça, classe social ou outros. (JUNQUEIRA, 2005, p. 1)

Ao longo da história brasileira, personalidades negras que ganharam destaques também tiveram seu fenótipo clareado. É o exemplo do escritor Machado de Assis, autor de obras que ficaram famosas, como *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, entre outras. Para tentar retratar essa situação histórica, um projeto recoloriu o seu retrato escurecendo o tom de pele apresentado.

O movimento Machado de Assis Real² é uma parceria entre a Faculdade Zumbi dos Palmares e a agência Grey Brasil. Eles permitem acesso livre para quem quiser baixar a ilustração do autor.

Figura 2 - Machado de Assis



Fonte: Ilhéu (2019)

Adriano Matos é chefe criativo da agência. Em entrevista à Revista Galileu (BRITO, 2019, n.p.), ele diz que a iniciativa “é uma questão de mostrar para as novas gerações que existe uma inspiração de um homem negro na literatura e nas outras artes”.

² Site do projeto: <http://machadodeassisreal.com.br/>. Acesso em 24 jun. 2019.

Uma das alunas da faculdade Zumbi dos Palmares, Vanessa Holanda, estagiária da agência, reforça a fala de Adriano: “Isso é entender que a representatividade importa e que negros também conseguem chegar na posição de Machado de Assis. Eu acho bem ousado porque ele sempre foi intocável”.

Isso se repete de forma estrutural ao longo das representações que pessoas negras têm no decorrer de sua vida. Desde as figuras de materiais didáticos do ensino básico nas escolas, até profissionais jornalistas no comando de telejornais, à repórteres de jornais impressos e portais da internet. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Ana Célia da Silva (2011) é professora universitária, especialista em Estudos Africanos. Ao estudar mais de 80 livros didáticos utilizados em escolas brasileiras, ela explica sobre os estereótipos negativos encontrados nesses materiais:

Identifiquei, em pesquisa anterior, que os livros de Língua Portuguesa das mesmas séries e ciclos da década de 80 caracterizavam-se pela rara presença do negro, e essa rara presença era marcada pela desumanização e estigma [...] O entendimento desses mecanismos ideológicos permitiu a identificação das causas da baixa percepção dos professores, das atitudes discriminatórias, bem como da auto-rejeição dos alunos negros. (SILVA, 2011, p, 14)

Como uma das principais ferramentas do ensino, esses materiais impactam diretamente no futuro da educação daqueles que passam pelas salas de aula no Brasil. Apesar de a qualidade dos livros ter melhorado com o decorrer dos anos, com avaliações de órgãos competentes pela educação, como o Ministério da Educação, a imagem do negro ainda é retratada de forma negativa. O contexto encontrado coloca pessoas negras em subposições, com menos prestígio social. Isso dificulta legitimar o negro na sociedade brasileira como um cidadão com direitos e deveres iguais a todos os outros, segundo a pedagoga Lara de Freitas Severo (2009).

Ao ensinar sobre representatividade e entender como a escravidão mudou a sociedade no Brasil, ela é enfática ao expor os resultados de sua pesquisa a respeito de racismo, autoestima e construção de identidade na escola.

Assim, é possível afirmar que uma criança negra que estuda com livros didáticos que apresentam a imagem do negro depreciado, possivelmente sentirá profundas dificuldades na formação da sua identidade e na elevação da sua autoestima. (SEVERO, 2009, n.p.)

Uma educação com limitações em referências estéticas poderia afetar como estudantes não brancos veem a si mesmos. Os papéis aos quais eles se enxergam representados podem influenciar no que eles acreditam que podem se tornar quando jovens ou adultos.

Identifiquei a ideologia do embranquecimento, característica do Estado e de suas instituições, que expande através dos materiais pedagógicos uma imagem estereotipada negativa do negro e uma imagem estereotipada positiva do branco, tendendo a fazer com que o negro se rejeite, não se estime e procure aproximar-se em tudo do branco e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos, estabelecendo dessa forma um processo de fuga de si próprio, dos seus valores e dos seus assemelhados étnicos. (SILVA, 2011, p 17)

Posteriormente, esses e outros fatores influenciaram discursos sobre o papel das etnias em sociedade. No cinema, isso também passa por esse recorte.

O filme *Pantera Negra*, o 5º maior em número de vendas de ingressos da história nos Estados Unidos da América, é o primeiro filme de super-heróis com um protagonista negro, assim como a maioria do elenco. A representatividade presente na trama lhe rendeu prêmios, considerado pelo diretor da **Marvel**, o melhor filme já realizado em sua categoria.

Em entrevista ao *Jornal da Universidade de São Paula (USP)*, Lilian Santiago, cineasta formada em história e mestre em Integração da América Latina pela USP, é enfática ao explicar o porquê da representatividade ter participação importante na formação de jovens, adolescentes e crianças: “Eu só fico imaginando o jovem adolescente negro, que pensa em fazer cinema ou gosta de audiovisual, que nunca se vê retratado em nada e de repente tem acesso a uma superprodução dessas, com uma representação muito bem feita”. Seja no jornalismo, na arte, na moda ou em demais segmentos, diversos autores reforçam que ainda existem desafios a serem trabalhados e estudados no que se trata de diversidade na representatividade. “É um mundo que a gente não tem acesso” (LUCENA, 2018, n.p.).

Figura 3 - Parte do elenco do filme Pantera Negra



Fonte: Ford e Kit (2017)

Apesar disso, hoje em dia a discussão sobre respeito, representatividade, diversidade, empoderamento, protagonismo e outros termos que envolvem a auto aceitação do indivíduo enquanto pessoa estão em alta. Os debates sobre racismo e discriminação tem tornado produções como Pantera Negra possíveis e desejáveis, legitimando reivindicações de grupos minoritários em papéis de destaque.

2.3 O negro além da definição étnico-racial, uma construção social

Definir o que é ser negro é uma pauta frequente em discussões sobre racismo e representatividade. O assunto também vem à tona quando se tratam das políticas de cotas implementadas em universidades federais e concursos públicos. Isso seria uma

tentativa de incluir pessoas diferentes nesses espaços, além de ser uma forma de reconhecer a dívida histórica do Brasil com descendentes africanos.

A inclusão de reserva de vagas para cursos de ensino superior e cargos de servidor público foram uma tentativa de corrigir parte de diferenças históricas que perpetuam desigualdades sociais. Entre essas cotas, estão as para negros (pretos e pardos), indígenas, as sociais, as para pessoas com baixa renda e alunos que estudaram em escolas públicas.

Ser negro vai além da cor da sua pele e da quantidade de melanina nela encontrada. Segundo Hall (2016), os indivíduos levam muito em consideração a nacionalidade e contexto de onde nascem, vivem e se desenvolvem como pessoas. Isso faz parte da sua identidade cultural, por isso, se definem como

ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos [...] essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2016. p. 47)

Com a inserção de significados políticos e sociais, surge a associação entre as características físicas e morais. A raça também passou a ser decisiva na constituição do indivíduo, ou seja, definindo-o em todos os sentidos. O indivíduo é definido pelo que o constitui. A partir dos significados políticos e sociais, as características físicas e morais, como raça e etnia, passam a fazer parte disso (COSTA, 2014). Conforme Banton (1979), com o tempo, a raça passa a ser mais do que designar os traços físicos e hereditários comuns de um grupo. Ela ganha outros significados, como dividir a humanidade em tribos:

a ideia de raça do século XIX insinuou-se na tapeçaria da história mundial e adquiriu um significado político e social que é largamente, embora não completamente, independente do significado que pode ser atribuído ao conceito de raça na ciência biológica. (BANTON, 1979, p. 16)

Cunha (2016, p. 20) acredita que a separação em raças e a limitação da etnia negra é uma estratégia de deslegitimação do preto enquanto pessoa, “é esse, afinal, o cerne das doutrinas rácicas: estipular a existência de uma descontinuidade natural no interior do gênero humano”.

A partir disso, pode-se definir o ser negro como além de alguém que tem origens africanas em sua nacionalidade (HALL, 2016), não necessariamente ligadas unicamente ao país em que nasceu. Outros aspectos põem ser levados em consideração, como traços característicos, nem sempre presentes tão demarcados (IFPA, 2016), e vivência na realidade deste grupo (HALL, 2016), ressaltando suas particularidades.

Barak Obama foi o primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América (EUA). Ele se declara negro. A comunidade negra de seu país o tinha como representante negro. Porém, as suas origens faziam com que algumas pessoas questionassem sua etnia.

Muita gente — principalmente quem não é negro — diz que Obama não é negro, é birracial, multirracial, mestiço, qualquer coisa menos simplesmente negro. Porque a mãe dele era branca. Mas raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. Racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo. (RIBEIRO, 2014 apud BUCHMAN, 2017, n.p.)

Não existe uma tabela oficial para definir a partir de qual nível de melanina na pele alguém pode ser considerado negro. Por isso, existem outros critérios técnicos utilizados para legitimar se alguém é negro, ou não, além dos que envolvem a etnia, tais como: traços do nariz, lábios e face, textura do cabelo, porte físico, entre outros.



Fonte: Ventura (2018)

A prática de classificar pessoas pelo tom de pele ficou conhecida como **colorismo** e diz que quanto mais clara sua pele, mais facilidade de acesso a serviços, oportunidades e papéis de destaque ela terá. O termo foi criado pela escritora e ativista norte-americana ganhadora do prêmio **Pulitzer**, pelo romance **A Cor Púrpura**, Alice Walker.

Figura 5 - Campanha Skolors de 2017 celebra a diversidade



Fonte: Skol (2017)

O Instituto Federal do Pará, em 2016, utilizava os seguintes critérios para classificar alguém para compatível ou não compatível como negro em uma prova de um de seus concursos públicos:

Figura 6 - Padrões avaliativos presente no anexo IV - IFPA

Padrões Avaliados								
Item	Fenótipo	Descrição do Negro	Compatível			Não Compatível		
			A1	A2	A3	A1	A2	A3
1	Pele	1.1. Melanoderma - Cor Preta						
		1.2. Feoderma- cor parda						
		1.3. Leucoderma - cor Branca						
2	Nariz	2.1. Curto/largo/chato (platirrinos)						
3	Boca/dentes	3.1. Lábios grossos						
		3.2. Dentes muitos alvos e oblíquos						
		3.3. Mucosas roxas						
4	Maxilar (Prognatismo)	4.1. Prognatismo saliente a acentuado						
5	Crânio	5.1. Crânio dolicocélico < 74,9 (largo 4/5 do comp)						
6	Face	6.1. Testa estreita e comprida nas fontes						
7	Cabelo	7.1. Crespos ou encarapinhados						
8	Barba	8.1. Barba pouco abundante						
9	Arcos Zigomáticos	9.1. Proeminentes ou salientes						

Fonte: IFPA (2016)

No quesito cor de pele, foram válidos os seguintes procedimentos:

- Caso a compatibilidade de cor PRETA ou PARDA ocorra na avaliação dos 3 membros, todos os outros critérios são desconsiderados, acatando a autodeclaração do candidato;
- Caso a compatibilidade de cor BRANCA ocorra na avaliação dos 3 membros, passa-se a avaliar os demais critérios constantes nos itens 2 a 9. A autodeclaração será acatada se atender o mínimo de 62,5% dos demais critérios de compatibilidade. Cada item compatível de 2 a 9 equivale a 12,5% da pontuação na tabela;

Por esse ponto de vista, ninguém nasce negro em sua essência, torna-se a partir das vivências e imersão na cultura da tribo, identificando-se ou não dessa forma.

Existem pessoas de pele escura que não se consideram negras, seja por falta de identificação ou outros fatores. O IBGE³ enfatiza que a cor é autodeclarada por cada um: “quando estamos falando de pessoas miscigenadas, elas vão se declarar de acordo com aquilo que elas se identificam mais”.

Querer ser aceito ou se enquadrar em um grupo também pode levar uma pessoa negra a não se sentir confortável para assumir esse papel. Identidades carregam significados que, por sua vez, legitimam discursos e recortes sociais.

A legitimação enquanto processo é melhor definida dizendo-se que se trata de uma objetivação de sentido de “segunda ordem”. A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares. A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de “primeira ordem”, que foram institucionalizadas. (BERGER e LUCHMANN, 2004, p. 122)

O contrário também acontece. Pessoas negras que não se encaixam em estereótipos do que é ser negro, podem se sentir deslocados e cobradas a performar de determinada forma. Diógenes Saraiva, web designer, não deixa de pontuar, em

³ Estadão (2017).

entrevista⁴ para uma campanha da Natura, no blog Papo de Homem, em 2017, que o imaginário em torno do “negão” ainda existe na sociedade brasileira:

Ainda é uma questão pra mim, de vez em quando, de ser machão, de ser o viril, de ser o cara mais agressivo, porque, às vezes, isso me incomoda. Para as pessoas até assusta eu não ser esse cara mais machão, talvez por causa do meu tamanho [...] aposto que é um tipo machão, que sabe se impor nos locais e na rua, que usa seu tamanho para naturalmente intimidar as pessoas, além de alguma ferocidade que os negros carregam consigo. (SARAIVA, 2017, n.p)

Segundo Fanon (2008, p. 15), o problema se agrava quando pessoas negras não podem mais ser “normais”: “caso um negro ou uma negra não se comportem como tais, seriam considerados “inautênticos”, o que resulta em uma confirmação da patologia.

Apesar disso, uma pessoa branca não poderia se autodeclarar como negra, pois, independentemente das vivências que ela tenha e do quão próxima da cultura africana ela esteja, a cor de sua pele não acarretará para si mesmo em danos sociais e históricos, os quais descendentes afro americanos lutam para mudar. Seus fenótipos, desiguais aos de origem africana, não a aproximariam da experiência vivida por uma pessoa negra. Segundo Corrêa (2001), o preconceito que essa população foi submetida deve ser lembrado:

Não parece ter sido apenas pela persuasão ideológica, apoiada em relações de favor entre as raças que os negros e seus descendentes foram socialmente excluídos da participação de vários setores da vida pública brasileira, mas também pela manutenção de uma política autoritária em cuja definição a presença da discriminação não pode ser esquecida. (CORRÊA, 2001, p. 43)

Nesse momento, o papel de uma pessoa não negra que se identifica com as reivindicações da comunidade negra é o de aliado. Essa é a nomenclatura para pessoas que estão de fora de círculos minorizados em representatividade e invisibilizados socialmente, mas que se importam com suas causas e motivações, a ponto de querer uma mudança na realidade.

Conforme Rocha, que é doutor em Teologia, Humanidades e Discursos, Controles Sociais e Resignificações (2019), a história dos movimentos sociais vai além dos seus

⁴ Pires (2017).

próprios objetivos. É o que ele explica na revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN):

Alguns autores chamam de movimento social toda ação coletiva - o que implica a passagem da imobilidade ou passividade à mobilização em que um grupo social ou uma aliança de grupos sociais busca, através de atividades de massa, conseguir um objetivo na organização social, seja defender uma situação ameaçada, seja obter algum bem coletivo. Neste tipo de organização não demandamos uma organização formal, nem um projeto global de sociedade (ROCHA, 2014, p. 29).

Um aliado branco, por exemplo, pode levar discussões a locais que uma pessoa negra, por não ocupar esses espaços, não conseguiria com a mesma facilidade. Isso se chama privilégio: “vantagem concedida a alguém, com exclusão de outros e contra o direito comum [...] Título, com que se consegue essa vantagem. Permissão especial, ou só relativa a certas pessoas ou coisas”, do Latim *privilegium* (FIGUEIREDO (1913, p. 1638).

Conforme o posicionamento do Instituto Identidades do Brasil (ID_BR), uma organização sem fins lucrativos dedicada à aceleração da promoção da igualdade racial, “reconhecer privilégios e ter empatia por grupos que não tem acesso às oportunidades pode ser um bom caminho para construção de diálogos que possibilitam trabalhar a diversidade como força motriz de mudanças sociais e corporativas”.

2.4 Reflexos: história do negro no mercado de trabalho brasileiro

*Homens negros ganham menos do que
mulheres brancas e mulheres negras
ganham menos do que todos.*

Djamila Ribeiro

A Escravidão no Brasil durou 300 anos, de 1550 até 1888. Foram três séculos de exploração de trabalhadores, trazidos à força do Continente Africano, em condições sub-

humanas, dentro de navios negreiros, sendo que muitos chegavam mortos em terras brasileiras.

Cerca de 61 mil africanos foram desembarcados no Brasil em 1826, um aumento de 41%. Três anos depois veria um pico de todos os tempos na história do tráfico de escravos para o país, com o desembarque de quase 73.000 africanos. O ano de 1829, de fato, viu o maior número de embarcações de escravos na história do tráfico transatlântico de escravos: estimativas apontam para 117.644 indivíduos transportados em navios escravos para fora da África. O outro destino principal além do Brasil foi Cuba, que recebeu quase 20.000 cativos naquele ano. (MARQUES, 2013, p. 174)

Além de cerca de 2,5 milhões de escravos mortos no tráfico negreiro, o Brasil segue com contrastes sociais entre pessoas negras e pessoa brancas, no que se refere ao acesso a serviços básicos, como saúde e segurança.

A assinatura da Lei Áurea em 1888, completou 131 anos em 13 de maio de 2018. Após pressões do mercado interno e externo, Dona Isabel, princesa imperial regente do Brasil na época, se viu obrigada a libertar os negros escravos para que pudesse continuar negociando e mantendo relações de importação e exportação do país. Como essa ação não foi planejada, as pessoas libertas se viram em situação de despreparo da sociedade para recebê-los.

Não houve, por parte do Império, qualquer medida de integração da população negra à sociedade da época, fazendo com que essa parcela fosse apresentada a uma dura realidade marcada por fatores como a pobreza, a falta de instrução, o preconceito racial e a invisibilidade social. (HAMEMÜLLER, 2018, p. 23)

Atualmente, em 2019, negros e negras continuam em posições inferiores, no prestígio da sociedade, seja nas universidades, cargos em empresas, etc. O Ministério do Trabalho e Previdência Social realizou uma pesquisa, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2016, que mostrou desigualdades de gênero e raça em 20 anos. O levantamento mostra que 39,6% das mulheres negras trabalham em situações precárias, assim como 31,6% dos homens negros, 26,9% das mulheres brancas e 20,6% dos homens brancos. A mesma pesquisa aponta que mulheres negras eram a maioria das pessoas desempregadas e no trabalho doméstico. Outra pesquisa

do IBGE⁵ revela que apenas 10% dos cargos de chefia são ocupados por pessoas negras.

Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos [...] Essa e outras pesquisas que pensam a partir dos lugares marcados dos grupos sociais conseguem estar mais próximas da realidade e gerar demandas para políticas públicas. (RIBEIRO, 2018, p. 25)

Com menor poder aquisitivo, em sua maioria, essa população tem maior dificuldade para acessar serviços básicos de saúde e educação, por exemplo. Quem tem condições financeiras, acaba pagando por serviços privados, enquanto os demais dependem de serviços públicos mal distribuídos.

Em teoria, os setores e áreas mais abastados, geralmente brancos, têm uma dupla segurança: a pública e a privada; enquanto as menos abastadas, a das periferias, predominantemente negros, têm de se contentar com o mínimo de segurança que o Estado oferece. Um segundo fator adiciona-se e complementa o anterior: a segurança, a saúde, a educação, etc., áreas que formam parte do jogo político-eleitoral e da disputa partidária. As ações e a cobertura da segurança pública distribuem-se de forma inteiramente desigual nas diversas áreas geográficas, priorizando espaços segundo sua visibilidade política, seu impacto na opinião pública e, principalmente, na mídia, que reage de forma bem diferenciada de acordo com o status social e econômico das vítimas. (WASELFSZ, 2016, p. 72)

A realidade do mercado de trabalho brasileiro tem um retrato claro sobre o papel do negro. 63,7% dos desempregados no Brasil são pretos ou pardos, aponta IBGE (2016)⁶. Pesquisa do Instituto Ethos (2016) mostra que eles ocupam apenas 6,3% de cargos na gerência e 4,7% no quadro executivo. A instituição é uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip), cuja missão é “mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade justa e sustentável”. Assim como o Ministério do Trabalho e do Emprego, que levantou dados em 2016, mostrando que brancos são maioria em empregos de elite, enquanto negros ocupam vagas sem qualificação.

Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas

⁵ Estadão (2017).

⁶ Estadão (2017).

atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito. Repito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria dos quanta obtinham indulto. (FANON, 2008, p. 109)

Pesquisas de órgãos oficiais também mostram que pessoas negras são 71% das vítimas de homicídios no Brasil (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015); 64% dos encarcerados (Censo, 2016); e nove em cada 10 mortos pela polícia (Lei de Acesso à Informação, 2017). Essa realidade poderia ser mudada através da educação. Com maior nível de instrução, a ascensão no mercado de trabalho se torna mais fácil. Porém, os dados mais recentes que se têm mostram que, mesmo sendo o dobro dos últimos anos, o percentual de negros entre 18 e 24 anos nas universidades é inferior a 13% no Brasil (ONU, 2012).

Figura 7 - Dados de raça e gênero - PUCRS

RAÇA	MASCULINO	FEMININO
NÃO INFORMADO	3	5
AMARELA	39	47
BRANCA	7483	6695
INDÍGENA	17	9
OUTRA	16	36
PARDA	477	389
PRETA	269	230

Fonte: ASCOM PUCRS (2019)

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), por exemplo, onde esta monografia foi desenvolvida, entre os 15,715 alunos da instituição no primeiro semestre de 2019, apenas 499 (7,8%) eram negros, 866 (13,6%) pardos e 26 indígenas (0,16%). Entre os funcionários, o quadro pessoal de negros e negras ativos em abril de 2019 foi de 7,27% do total. Os dados foram fornecidos pela Assessoria de Comunicação da PUCRS (ASCOM).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD-Contínua) de 2016 do IBGE⁷ mostra que o aumento do número de pessoas negras no Rio Grande do sul é uma tendência, em contraste com os dados dessa população em instituições de educação.

⁷ Estadão (2017).

De 16,2% (2012), para 18,2% (2016). Enquanto isso, os brancos tiveram uma queda de 83,4% (2012), para 81,5% (2016).

2.5 Presença do negro no jornalismo

O profissional da área de jornalismo tem diversas possibilidades de atuação, que crescem cada vez mais com a expansão da internet. Existem cargos para televisão, rádio, impresso, portais online, podcasts, reportagens, produção, assessorias, cargos de gestão, entre outros. Porém, um padrão pode ser percebido em diferentes plataformas: os rostos de quem conduz a apresentação das notícias e quem está por trás destes conteúdos são, em sua maioria, brancos.

Esse é um dos reflexos do recente período de escravidão pelo qual o Brasil passou, como abordado anteriormente, abolido há apenas 131 anos. O comunicador José Carlos Cintra (2007) explica isso em sua dissertação de mestrado, sobre o negro como sujeito midiático no jornalismo e na publicidade.

O espaço que o negro tem hoje na imprensa burguesa é um reflexo da situação que vem desde a sua escravidão. Com a abolição, os negros foram jogados fora do mercado de trabalho e passaram de escravos a desempregados, tornando-se, depois, majoritariamente, integrantes da classe operária. A população negra, como setor oprimido da sociedade, deve combater e lutar permanentemente pela sua emancipação, pela conquista de direitos básicos que deveriam ter vindo com a revolução burguesa, com base em um programa específico que atendesse às suas necessidades e em união com a classe operária, única classe nesse estágio do capitalismo capaz de levar à frente as reivindicações democráticas dos setores oprimidos da Sociedade. (CINTRA, 2007, p. 26)

Segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, burguês é o “homem da classe média. Ordinário, trivial” (FIGUEIREDO, 1913) e, segundo o dicionário online do Google, é “na Idade Média, natural ou habitante livre de um burgo, que gozava de certos privilégios” ou “cujo mister não é manual (como o dos operários e camponeses), e que goza de situação social e economicamente confortável”. Burgo, por sua vez é uma “casa nobre”.

Após a publicação da obra de antropologia social, de Gilberto Freyre, Casa Grande & Senzala (1933), o mito da democracia racial ganhou força. O autor argumenta na obra

que o Brasil não teria uma sociedade racista ou seria muito difícil de isso acontecer, devido à proximidade dos filhos do senhor (e pelo próprio senhor) com a ala feminina.

É o que explica Ângela Maria dos Santos (2005), em dissertação sobre as relações raciais entre alunos negros e não-negros.

Cabe observar que conhecer a raiz que estrutura o racismo nas sociedades, especificamente na brasileira é fundamental para compreender o contexto atual das relações raciais. Pois falar das questões raciais no Brasil sempre redundava no mito da democracia racial. Dada a mentalidade de que não há racismo e desigualdades raciais, porque somos um povo mestiço. (SANTOS, 2005, p. 37)

Além da frequente ausência de profissionais negros no jornalismo, os debates sobre racismo de forma ampla também ficaram silenciados por muitos anos. Quando não se tem pessoas negras por trás da criação de conteúdo, as pautas que são tidas como importantes também acabam por não abranger este público.

Entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2017, o portal Vaidapé realizou um levantamento⁸ para quantificar os profissionais negros nas principais emissoras de TV da rede aberta brasileira: Cultura, SBT, Rede Globo, Rede Record, RedeTV!, Gazeta e Bandeirantes. 204 programas das sete emissoras transmitidos durante o período foram analisados. 272 apresentadores que compõem as grades de programação foram levantados com base na programação de São Paulo, a partir do critério de autodeclaração dos profissionais e observação dos pesquisadores.

Segundo o portal, os resultados surpreenderam: “apenas 3,7% dos apresentadores são negros. Em valores absolutos, de todos os analisados, foram apenas 10 apresentadores negros contra 261 brancos”.

A RedeTV! foi a emissora com o maior número de pessoas negras: um pouco mais de 9% dos apresentadores. Entretanto, Record e SBT se destacam pela hegemonia: “Ambas não possuem sequer um apresentador negro figurando nos programas analisados”. Joyce Ribeiro, única apresentadora negra da emissora, foi demitida no início de 2017.

A invisibilidade das pessoas negras acontece há muito tempo. Existiu, e ainda existe, por exemplo, o estereótipo de que negros deveriam trabalhar no rádio. Isso se deu

⁸ Santana e Salles (2017).

por dois motivos: o primeiro é que acreditavam que a voz do negro era mais grave; e que trabalhando nesta plataforma, a sua imagem não seria o apelo principal.

A sua reputação e o desfecho de sua vida traduzem um perfil que a primeira pesquisa sobre comunicação e identidade racial, produzida por Borges Pereira, na USP, na década de 1970, já sinalizava, a da tendência dos negros e negras terem espaço em funções consideradas de bastidor. Para sermos fiéis, Pereira demonstrou em seu trabalho a grande quantidade de negros como locutores de rádio, pela ideia estereotipada sobre o timbre da voz dos afrodescendentes, mas que contrastava e contrasta com o subaproveitamento dos mesmos profissionais quando se trata de empregá-los à “luz da ribalta”. (RICARDO; NUNES; LEÃO, 2011, p. 225)

É o caso do jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro, de pseudônimo João do Rio, falecido em 1921. Ele chegou a se tornar membro da Academia Brasileira de Letras e consagrou-se como o maior jornalista de seu tempo. Famoso por seus pseudônimos, **Paulo Barreto** também era conhecido como Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José, entre outros.

Também vale citar João do Rio, reconhecidamente, o nosso “primeiro repórter”, e ícone de um momento imediatamente posterior. Ele é também considerado como um dos preceptores do jornalismo literário, mas raramente são feitas menções à sua identidade racial, ou seja, de matriz afrodescendente, ou como no passado se usava “mulata” – expressão combatida nos dias atuais pelo Movimento Social Negro. (RICARDO; NUNES; LEÃO, 2011, p. 225)

No Brasil, apenas 23% dos jornalistas se declaram como negros e pardos, sendo 5% negros, 18% pardos, 2% amarelos, 2% outros, 1% indígenas e 72% brancos. Os dados foram levantados em uma pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ. Foram entrevistados 2.731 jornalistas de todas as unidades da federação e do exterior, de participação espontânea. Houve coleta de dados online, por telefone e e-mail, entre 25 de setembro e 18 de novembro de 2012. A margem de erro é inferior a 2%.

Ainda sobre essa pesquisa, 64% dos jornalistas eram homens. Maior era a desigualdade de gênero: mulheres eram maioria entre os que ganhavam até cinco faixas salariais mínimos, enquanto homens eram os mais presentes nos que recebiam os cinco salários mais altos.

Figura 8 - João do Rio



Fonte: Medeiros (2019)

Assim como Machado de Assis e outros nomes de pessoas negras reconhecidos, em seus principais retratos, percebe-se um fenótipo embranquecido e que leva aqueles que não conhecem as origens de Paulo Barreto, a crer que ele era caucasiano.

2.5.1 O negro como exceção: profissionais em ascensão no jornalismo

O jornalismo reforçou, por muito tempo, estereótipos negativos sobre o que é ser negro o seu papel em sociedade. Isso aconteceu, inclusive, na escolha de suas fontes de pautas e reportagens, como explicam Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (2012, p. 66), em seu livro sobre Mídia e Racismo. Segundo eles, “por omissão, o jornalismo – e o telejornalismo em especial – contribui ativamente para o reforço dos

estereótipos negativos que alimentam e perpetuam o preconceito e a discriminação racial contra o segmento negro no Brasil”. Esta análise, além causar desconforto em quem a lê, pela afirmação, a análise também incomoda por ser contundente. Eles pesquisaram em uma série de 12 reportagens do Fantástico sobre saúde e qualidade de vida na terceira idade entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007, e qual era o perfil de quem participava das matérias.

Do tempo total dedicado a entrevistas e imagens de cobertura com os personagens em situações convencionais do cotidiano, o negro aparece em apenas 11% (710 segundos) e, os restantes 89% (5.728 segundos) é preenchido por brancos. Mais. Quando considerando o grau de importância e relevância dos personagens na história contada, os negros ocupam 13,2% do tempo (564 segundos) dedicado a participação efetiva – quando o personagem aparece em primeiro plano na entrevista, contando a história em primeira pessoa – e, os brancos durante 86,8% do tempo (3.703 segundos). (BORGES; BORGES, 2012, p. 66)

Apesar da história e dos preconceitos da sociedade terem favorecido para a discriminação e a desigualdade racial, o que também afeta o jornalismo e a comunicação, os movimentos sociais têm ganhado força no século 21. Atualmente, o público cobra e espera um posicionamento de quem veicula ou promove situações em que negros, LGBTQs+, mulheres, pessoas com deficiência ou algum outro tipo de diversidade não esteja representado. Com publicações na internet, principalmente nas redes sociais, as reivindicações dessas pessoas chegam ao mais alto escalão das emissoras de televisão e outros meios de mídia. O cuidado para manter as produções cada vez mais inclusivas se tornou uma pauta importante ideologicamente, eticamente, socialmente financeiramente e também um recurso de marketing e propaganda para as marcas.

Parte deste movimento deve-se ao fato de que o acesso à informação é uma realidade cada vez mais frequente nas vidas das pessoas de camadas mais populares da sociedade, de baixa renda e moradores da periferia no Brasil. Segundo dados de 2016 do IBGE, quase 65% da população brasileira acima de 10 anos de idade possui acesso à internet. Mais de 77% dos brasileiros tem um aparelho celular, o que o torna a principal ferramenta de navegação na web. Entre os internautas da pesquisa, 94,6% utilizava o telefone celular para entrar na internet, seguido pelo computador, com 63,7%; tablet, com 16,4%; e televisões 11,3%.

Com essa democratização da informação e as pautas do movimento negro se fortalecendo, é possível perceber um número maior de diversidade nas telas de televisores. Mesmo que ainda seja pouco, comparado com pessoas que já seguiam o padrão branco.

Entretanto, cabe destacar algumas personalidades negras que foram fundamentais tanto em representatividade, quanto como porta vozes para à comunidade negra no jornalismo brasileiro.

Figura 9 - Glória Maria



Fonte: GaúchaZH (2019)

GLÓRIA MARIA

Desde 1971, Glória Maria Matta da Silva faz parte do quadro da TV Globo. Primeira repórter negra da emissora, foi a única a apresentar o Fantástico (1998 a 2007). Desde 2010, integra a equipe do Globo Repórter. Ela nasceu no bairro de Vila Isabel, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e ficou conhecida em sua carreira por fazer reportagens internacionais em pontos remotos da terra, sem produtor, acompanhada de um cinegrafista. Segunda ela, já conheceu mais de 160 países.

JOYCE RIBEIRO

Nascida em 23 de abril de 1979, em São Paulo, é jornalista formada. Começou sua carreira em 1998 como repórter na Boa Vontade TV, da LBV. Trabalhou na Record TV e SBT, onde ficou mais de 12 anos até ser demitida. Atualmente é âncora do Jornal da Cultura, da TV Cultura.

LUCIANA CAMARGO

Luciana Camargo nasceu em São Paulo, em 1971, e é formada em jornalismo. Trabalhou em veículos como TV Cultura, Gazeta, Rede Globo, Band News, Rede Mulher e Rede TV. Ela também atuou no Rádio, na Tim, Elevadores Atlas, NET, Alpha FM e Nova Brasil FM, onde começou a carreira de radialista.

DULCINÉIA NOVAES

Brasileira de Martinópolis, nasceu em agosto de 1955 e é formada em jornalismo pela Universidade de Londrina. Começou a carreira da folha de Londrina e também passou pela Rede Paranaense de Comunicação. Desde 2013, é repórter do Globo Repórter e correspondente internacional da emissora.

Figura 10 - Luciana Barreto



Fonte: Agência Brasil (2017)

LUCIANA BARRETO

Luciana Barreto é jornalista por formação. Premiada, é ativista de direitos humanos, palestrante e apresentadora com quase duas décadas de experiência em telejornais. Já trabalhou nos canais Futura, GNT, Band News, TVE e TV Brasil. Ganhou o Prêmio Nacional de Jornalismo Abdias Nascimento, em 2012. Eleita uma das Mulheres Inspiradoras de 2015 pelo Think Olga. Em 2018, recebeu o prêmio “Sim a Igualdade Racial” na categoria “Em Pauta”, por seu trabalho na mídia contra o racismo.

GRAÇA ARAÚJO

Nascida em 2 de abril de 1956 em Pernambuco, Maria Gracilane Araújo da Silva ainda era criança quando seguiu para São Paulo. Trabalhou em revistas e formou em jornalismo em 1983. Trabalhou nas rádios Transamérica e Clube, na TV Manchete e TV Globo.

ALINE PRADO

Com 17 anos de carreira, nascida em 1987, no Rio de Janeiro, Aline Prado coleciona passagens pela TV Brasil, Globo News e Globo. Já foi repórter do Vídeo Show e trabalhou no programa Encontro com Fátima.

CAROL ANCHIETA

Ex-editora e apresentadora do Jornal Futura, no Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, ela também já atuou na TV Unisinos, no College na TV, na Band, foi apresentadora do canal Octo e editora de texto no programa Encontro com Fátima. Atualmente é repórter de cultura da RBS TV.

VALÉRIA ALMEIDA

Valéria Almeida nasceu São Paulo, em julho de 1983. Jornalista, videomaker e palestrante, é atual repórter da Rede Globo e sócia da produtora Kanimambo Filmes. Começou a carreira em assessoria de imprensa e já trabalhou com fotografia. Já concorreu a prêmios reconhecidos como Emmy Internacional e recebeu o Prêmio Globo de Jornalismo, além de ter feito matérias fora do Brasil.

FERNANDA CARVALHO

Em Brasília, passou pela Radiobrás e Transamérica. Natural de Porto Alegre, já foi apresentadora do Nação, da TVE, o qual recebeu menção honrosa no Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog 2015. Também trabalhou no É Geral, Panorama, em produtoras e assessorias de imprensa. É ativista social, feminista e participa do movimento negro. No blog Em Negritto, produz matérias e entrevistas sobre o combate à discriminação racial. Atualmente, é repórter da RBS TV.

LUIZA BRASIL

Nascida no Rio de Janeiro, é jornalista formada e especialista em moda africana. Braço direito de Constanza Pascolato, um dos maiores nomes da moda no Brasil, ela toca em paralelo sua página de conteúdo fashion, Mequetrefismos. Já cobriu, pelo menos, oito semanas da moda e defende pautas de empoderamento do movimento negro.

MARIA JULIA COUTINHO (MAJU)

Maria Júlia Coutinho Portes, conhecida como Maju, nasceu em agosto de 1978, em São Paulo e é formada em jornalismo. É repórter e apresentadora da Rede Globo. Já passou pelos programas Jornal Hoje, Hora Um da Notícia, Bom Dia Brasil, SPTV, elenco do Saia Justa, entre outros.

ZILEIDE SILVA

Zileide Silva da Luz é jornalista, nascida em outubro de 1958, em São Paulo. Já trabalhou no Globo Repórter, Jornal Nacional, Jornal Hoje, Rádio Cultura, TV Bandeirantes, TV Cultura, SBT e Bom Dia Brasil. Já ganhou o Prêmio Comunique-se mais de uma vez.

ABEL NETO

Abel Verônico da Silva Neto é jornalista e repórter nascido em janeiro de 1970, em São Paulo. Trabalhou por mais de 20 anos na Rede Globo e entrou na Fox Sports Brasil. Também já passou pela TV Tribuna. Filho de um jogador e uma jornalista, se formou em jornalismo em 1997, além de ser graduado em letras. Já ganhou os prêmios Revelação do Jornalismo Esportivo (Aceesp), Marketing e Empreendedores (SP) e Comunique-se Esportes Mídia Falada.

Figura 11 - Heraldo Pereira



Fonte: G1/ Globo (2019)

HERALDO PEREIRA

Heraldo Pereira de Carvalho nasceu em setembro de 1961, em Ribeirão Preto. Formado em jornalismo, já trabalhou na TV Ribeirão, TV Campinas, Jornal Nacional, Bom dia Brasil, Jornal das Dez, da Rede Globo, além da emissora do SBT. Já ganhou os prêmios Camélia da Liberdade e Troféu Raça Negra.

Mesmo com o sucesso e reconhecimento destes profissionais, é comum ouvir em entrevistas, como no caso de Glória Maria, Maju Coutinho e Heraldo Pereira, que vários deles já passaram por situações de racismo em suas carreiras.

3 O JORNALISMO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C&T) NO BRASIL

Parte das produções de jornalismo sobre C&T no Brasil são realizadas por revistas de editoras, que pelos seus anos de mercado acabaram se tornando conhecidas e um senso comum sobre o que é jornalismo científico surgiu. Se você perguntar para alguém que não é da área de STEM⁹ onde ela poderia se informar sobre jornalismo de C&T, as chances de essa pessoa conhecer algum portal feito para pesquisadores, com artigos técnicos e voltado para este campo, é menor. Por isso, as revistas que tratam desses assuntos de forma mais simples e com linguagem acessível, tornam-se um dos pontos de contatos mais intuitivos para o grande público.

Para Oliveira (2007), o jornalismo científico deu o primeiro sinal de vida juntamente com o advento da própria criação da imprensa no mundo, em meados do século XV.

Para os livros de história da ciência dão como certo que a difusão da impressão na Europa nessa época acelerou a criação de uma comunidade de cientistas, fazendo com as ideias e ilustrações científicas se tornassem disponíveis a grande número de pessoas. (OLIVEIRA, 2017, p. 17)

Mesmo assim, ela salienta que a possibilidade de trabalhar e ter acesso a tais informações eram um privilégio para poucos.

Mas é claro que esse número restringia-se ainda à pequena cama letrada das sociedades de então: os representantes do clero, da nobreza e da burguesia mercantilista que começava a se espalhar por toda a Europa. (OLIVEIRA, 2017, p. 17)

A história da imprensa no Brasil já nasceu atrelada ao poder oficial: "em 113 anos de história (1889 - 2002) a República brasileira teve 30 presidentes, entre eles sete militares" (OLIVEIRA, 2007, p. 27).

Nisso, houve dois longos períodos de regime militar, de 28 anos: Estado Novo de Getúlio Vargas (1937 - 1944) e o Regime Militar (1964 - 1985). Além disso, foram 389 anos rendidos à monarquia portuguesa. "Assim é que em 502 anos de história, a

⁹ Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

sociedade brasileira teve um período de apenas 85 anos em que, bem ou mal, pôde exercer o direito de eleger o dirigente do país pelo voto direto” (OLIVEIRA, 2007, p. 27).

Somente em setembro de 1808, a primeira edição da Gazeta do Rio de Janeiro é lançada, produto da Impressão Régia, propriedade da corte de Dom João VI, antigo imperador titular do Brasil, filho de Dom Pedro, o próprio imperador. “Podemos também relacionar as origens do atraso científico e tecnológico do país ao tipo de colonização que tivemos, muito mais voltada para a exploração do que para a expansão, ao contrário da colonização dos Estados Unidos” (OLIVEIRA, 2007, p. 28),

A criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) marca um passo importante para essa evolução, em 1948. “Foi também a partir de meados da década de 1940 que a ciência brasileira entrou definitivamente na agenda do governo e da sociedade” (OLIVEIRA, 2007, p. 27). Como a criação do CNPq, em 1951, e o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), em 1985.

Apesar de tardia, a divulgação científica foi uma editoria pioneira no jornalismo especializado no Brasil. Entre eles, trechos aparecem na *Revista Brasileira* (1857), na *Revista do Rio de Janeiro* (1876) e na *Revista do Observatório* (1886), conforme levantamento realizado por Luisa Massarane em sua tese de mestrado NA UFRJ, em 1998, sobre a divulgação científica no Rio de Janeiro.

Luisa localizou que o primeiro livro brasileiro referente ao tema, que foi lançado em janeiro de 1931, no Rio de Janeiro, por Miguel Ozorio, com nome de *A Vulgarização do Saber*. Apesar de, em 1920, já existirem projetos para dar visibilidade a esse tipo de pauta na capital carioca, seguindo uma tendência global.

Com um segmento estabelecido atualmente, o jornalismo de ciência e tecnologia, assim como as demais editorias do mesmo, tem sua função social e compromisso com o público. Ao mediar as narrativas e contar histórias de forma acessível ao público, grande parte da sociedade pode receber essas informações da maneira que lhe achar mais conveniente e pertinente.

Alguns critérios básicos como pluralidade, checagem, apuração e credibilidade continuam sendo a essência desse tipo de abordagem jornalística. É necessário buscar

a informação e pesquisar, conforme explica Marcelo Leite¹⁰, repórter especial de Ciência e Ambiente na Folha de São Paulo, em entrevista para o Jornal da Unicamp.

Contar histórias e traduzir assuntos técnicos para um público que não tem acesso pode ser um desafio, porém, necessário. Ao ter acesso às informações mais compreensíveis sobre C&T, a população tem a oportunidade de aumentar seu repertório e compreender setores que atingem indireta ou diretamente sua vida.

Dizer que a ciência e a tecnologia são imprescindíveis ao desenvolvimento de um país parece hoje senso comum, e este é um discurso até mesmo de grande parte dos políticos. [...] Então não vamos perder mais tempo com a relevância da ciência. O que nos importa aqui é tratar da necessidade de as pessoas, o maior número possível delas dentro de uma sociedade, terem acesso a informações científicas. Em particular as que lhes afetam diretamente a vida, que têm efeitos políticos, econômicos e sociais imperceptíveis às pessoas não informadas. (OLIVEIRA, 2017, p. 11)

No Brasil, assim como no resto do mundo, segundo a doutora em jornalismo científico pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Fabíola de Oliveira, o jornalismo de C&T tem um papel na sociedade.

Mesmo considerando a inegável fragilidade da condição socioeconômica da grande parte da população brasileira, nos vemos no papel de defender com veemência a necessidade de divulgar C&T, porque existe no Brasil demanda não atendida por essa divulgação, amplamente comprovada no estudo, do Instituto Gallup encomendado pelo CNPq, publicado em 1987, intitulado O que o brasileiro pensa de Ciência e Tecnologia?, segundo o qual cerca de 70% da população urbana brasileira têm interesse em C&T. (OLIVEIRA, 2017, p. 12)

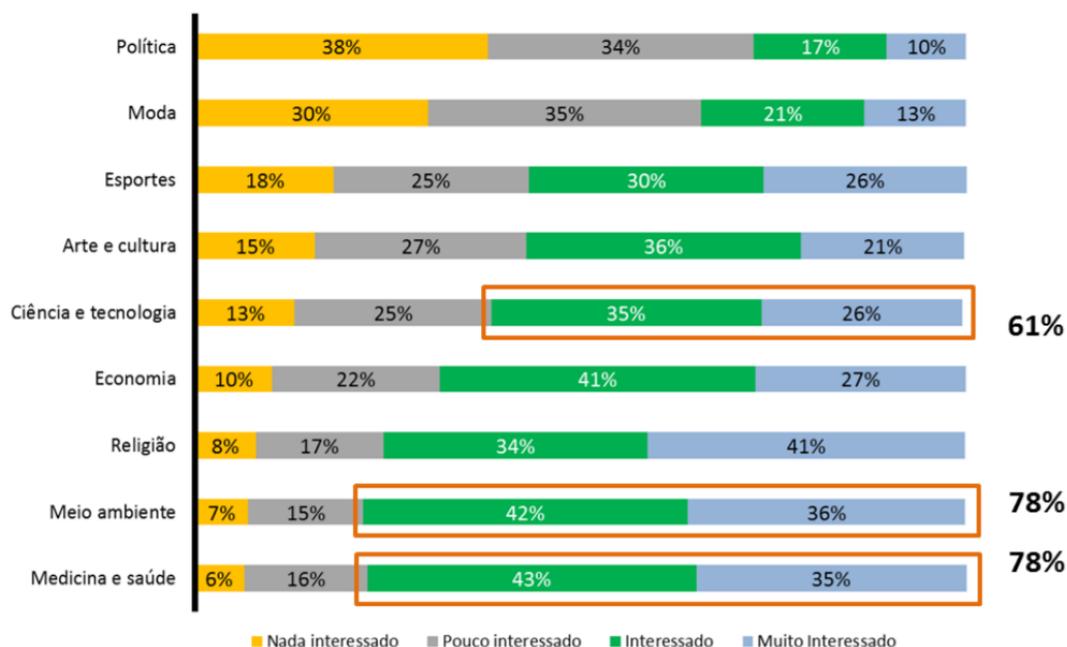
Em 2015, O Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) realizou novos levantamos e, segundo eles, o interesse por C&T se mantém tão vivo quanto em 1987, quando o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) encomendou estudo parecido. O tema supera editorias como religião e esportes.

Ao responderem as perguntas das entrevistas, 61% dos brasileiros afirmam se interessar muito pelos temas de C&T. Essa porcentagem é maior do que quando perguntado sobre Esportes, que teve 56%; em seguida Moda teve 34%; e Política 28%. “O interesse por temas correlacionados com a C&T, como Meio Ambiente e Medicina e

¹⁰ Carvalho (2017).

Saúde, é muito elevado, com 78% para ambos, comparável ao interesse por Religião (75%)” (CGEE, 2015, p. 5).

Gráfico 1 - Percentual dos entrevistados segundo o interesse declarado em ciência e tecnologia e outros temas



Fonte: CGEE (2015)

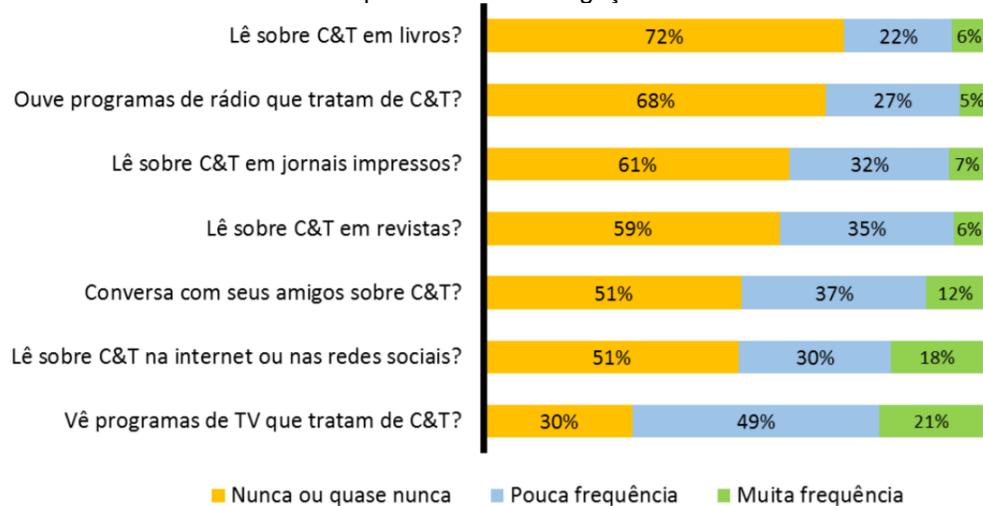
A televisão é o meio de comunicação com maior alcance nos lares brasileiros. Segundo o IBGE¹¹, 79,8% dos domicílios contavam com o aparelho, mais do que celulares (78,2%). Com o acesso à internet, juntos, celulares e televisões tornam-se os principais meios de comunicação da atualidade.

Conforme o CGEE (2015), a TV é plataforma com maior uso para conseguir informações sobre C&T. “21% dos brasileiros fazem isso com muita frequência e 49% com pouca frequência. A maioria deles declara informar-se ‘nunca, ou quase nunca’ sobre C&T nos outros meios de comunicação investigados (jornais, revistas, livros, rádio e conversas com amigos)”.

De 2006 para 2015, o número de usuários que usam meios online para se informar sobre C&T pulou de 23%, para 48%. Sua utilização com muita frequência (18%) já se aproxima da TV.

¹¹ Estadão (2017).

Gráfico 2 - Percentual dos entrevistados segundo a frequência declarada de informações sobre C&T, por meios de divulgação



Fonte: CGEE (2015)

Já a produção jornalística de C&T, segundo Wilson da Costa Bueno (2009, p. 119), professor sênior da USP, jornalista e doutor especializado em jornalismo científico, entre outras atuações, “está também em sintonia com a própria evolução da indústria da comunicação em nosso país”. Ele acredita que, com o surgimento e a evolução da internet e da informática, tanto os títulos tradicionais, quanto os novos ganharam espaço e cresceram.

Porém, ele salienta que boa parte do conteúdo sobre C&T com maior credibilidade não vem de veículos recentes.

No que diz respeito a revistas de divulgação em ciência e tecnologia, é importante lembrar que as de maior prestígio e audiência, atualmente, também foram criadas a partir da década de 1980, como a Ciência Hoje, a Superinteressante, a Galileu, merecendo ainda menção a Pesquisa Fapesp, a edição brasileira da Scientific American e o relançamento, com nova proposta editorial, da Ciência e Cultura, da SBPC, estas duas últimas ocorridas em 2002. (BUENO, 2009, p. 119)

Entretanto, apesar da revista impressa Galileu existir há 28 anos, e a Superinteressante há 32, elas estão presentes nas plataformas digitais, que ganham cada vez mais espaço com o avanço da tecnologia e com a popularização da mesma, como abordado anteriormente. Ambas têm site, páginas em redes sociais, assinaturas online, portais, entre outros.

3.1 Perfil da cobertura de ciência e tecnologia

Marcello Cini foi professor emérito da Università La Sapienza di Roma, onde fez pesquisas em física teórica desde 1957. Ele aponta que já em 1998, a divulgação científica colocava essas pautas em outro contexto, distante da realidade e da vida das pessoas.

Transmite-se uma imagem da ciência como algo espetacular que descobre coisas estranhas e, sobretudo, como uma atividade que produz verdades absolutas. A idéia que se passa é a de que, se uma coisa é científica, ela deve ser aceita sem discussões, que é inevitável e que é também, necessariamente, um bem para a humanidade. Penso que essa mensagem é um erro. Ela não ajuda as pessoas a compreenderem o que a ciência está fazendo, para onde vai, quais são os problemas debatidos internamente, como as idéias se confrontam dentro das várias disciplinas científicas e também como ela se insere no tecido tecnológico e econômico. Sem uma difusão científica correta, a ciência vai permanecer como algo esotérico, produzido por uma casta de especialistas, no qual as pessoas não podem interferir e que têm que aceitar como inevitável. (CINI, 1998, p. 10)

Mas com a popularização da internet e o acesso a informações facilitado, os debates científicos começam a surgir nos meios digitais. É o que dizem Rafaela Sandrini, jornalista, mestre pela UFSC e professora na Unidavi, e Mauro Cesar Silveira, jornalista, escritor e doutor pela PUCRS, em sua análise sobre divulgação científica por meio de blogs.

A Internet tem centralizado diversas iniciativas de divulgação científica e provocado mudanças na comunicação da ciência. Com a liberação do polo emissor, observa-se que os jornalistas dividem espaço com os cientistas e pesquisadores, que têm a possibilidade de se comunicar diretamente com o público através de ferramentas como os blogs. (SANDRINI; SILVEIRA 2014, p. 1121)

Segundo as jornalistas Flores e Silveira (2011, p, 269), que analisaram o jornalismo científico da Galileu em seu artigo publicado na SciELO, o público dela é bem definido: “a revista pretende antecipar tendências e interpretar a vida a partir dos conhecimentos de ciência para um público na faixa etária de 18 a 34 anos de ambos os sexos”.

Para elas, o impulso desse tipo de conteúdo não se deu apenas por um incentivo do mercado, mas também pelos aspectos sociais e culturais da época.

Num contexto em que a modernidade traz ao homem a necessidade de se relacionar com conteúdos do mundo da ciência, as publicações de divulgação científica se erigem num ponto de segurança no qual o sujeito se firma frente ao mundo fragmentado e em constante transformação. (FLORES; SILVEIRA, 2011, p. 269)

Assim como sua concorrente, a Superintessante, a Galileu também se propõe a abordar diferentes setores da ciência e da tecnologia. “Temas como Ciência, Tecnologia, Saúde e Comportamento são os mais publicados nos periódicos” analisam as jornalistas Schneider e Tavares (2014, p. 76), no seu artigo sobre a presença de marcas de autoridade no discurso jornalístico, adaptado do trabalho de conclusão de curso para a Universidade Federal de Sergipe.

O objetivo desta editoria é aproximar o público de informações as quais ele dificilmente conseguiria ter acesso por conta própria, se dedicando a quem está fora da esfera da Ciência (SCHNEIDER; TAVARES, 2014, p. 74).

Portanto, tudo aquilo que é científico e é divulgado na mídia, seja ela impressa, televisiva ou radiofônica, é considerado Jornalismo Científico, já que o objetivo é informar o público leigo sobre Ciência, trazer reflexões e discussões atualizadas sobre o assunto, além de informar a sua relação com a sociedade. (SCHNEIDER; TAVARES, 2014, p. 74)

Também é correto afirmar que o jornalismo científico é uma forma de divulgação científica, “pois a divulgação busca expandir o conhecimento, seja ele destinado ao público leigo ou voltado para a academia”. Porém, a divulgação e o jornalismo não são a mesma coisa.

A divulgação busca expandir o conhecimento, seja ele destinado ao público leigo ou voltado para a academia. Porém, não é possível fazer essa afirmação inversamente, já que a Divulgação Científica é voltada para o desenvolvimento acadêmico. Então ela é transmitida em artigos, seminários, palestras e tudo que expande o conhecimento para quem já tem uma afinidade com ele. A linguagem aqui já é mais elaborada e não há tanto a preocupação de tornar o conhecimento acessível a leigos. (SCHNEIDER; TAVARES, 2014, p. 74)

Tanto a Galileu, quanto a Superinteressante, não deixam de investir no apelo visual de duas revistas. Cores, fotografias e diagramações pensadas para o conteúdo específico são parte das suas identidades.

As duas revistas além de utilizarem estratégias para que o discurso torne-se mais próximo ao leitor, usam infográficos e imagens a fim de aumentar a compreensão de quem lê. Os periódicos têm o jovem-adulto como seu público alvo, geralmente da classe A e B, pretendendo antecipar o leitor de tudo aquilo que o conhecimento humano pretende produzir no futuro e que irá interferir na vida da sociedade em geral. (SCHNEIDER; TAVARES, 2014, p. 74)

Além das revistas citadas acima, entre os principais meios de divulgação de C&T estão outras revistas, tanto impressas como digitais, páginas em redes sociais e sites, blogs, pesquisas acadêmicas, portais de universidades, entre outros.

Para tornar o conteúdo mais acessível e prático ao público geral, pode-se dizer que a maioria dos conteúdos neles também falam de variedades do campo de C&T. Cabe destacar alguns dos nomes mais populares no Brasil. São eles, incluindo a Galileu e a Superinteressante:

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Com uma aparência simples, o portal, que existe desde 1999, vai direto ao ponto, sem muitos apelos visuais. Com uma abordagem mais técnica e científica. Sua linguagem é mais voltada para pessoas da área, sem muito entretenimento.

SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL

A revista é bastante conhecida nos Estados Unidos da América (EUA), sendo uma das mais antigas do ramo. Ela também está presente no Brasil, com site e edições impressas. Nomes famosos já escreveram para a mesma, como Albert Einstein.

CANALTECH

Focado no mundo da tecnologia, eles se intitulam como “um dos principais portais de notícias no Brasil, com conteúdo em texto, áudio e vídeo, incluindo análises de produtos, temas corporativos e um jornal diário”. Presentes nas principais redes sociais, eles mantêm parcerias com empresas como MSN e Yahoo. O site recebe cerca de dez milhões de leitores mensais, além de ter mais de 300 milhões de exibições no Youtube. Eles também ganharam o Prêmio Influenciadores Digitais e finalista do Influency.me.

NATIONAL GEOGRAPHIC

Parte do patrimônio da Century Fox, a National Geographic está em canais de televisão, revistas, mídia infantil, viagens, livros, mapas, produtos de consumo, experiências de entretenimento regionais e as plataformas digitais e de mídias sociais. Eles participam da National Geographic Society, “uma organização global e sem fins lucrativos comprometida a explorar e proteger nosso planeta”, onde financiam pesquisas e projetos.

TECHTUDO

O site de tecnologia da Globo.com fala sobre jogos, eletrônicos, celulares, software, TV, internet e recomenda programas. Ele tem hospedagem linkada ao site da revista Galileu.

GALILEU

Fundada em 1991, a revista científica da Editora Globo tinha o nome de Globo Ciência. Ela fala sobre ciência, tecnologia, cultura, comportamento e lifehacks. Uma de suas principais concorrentes é a Superinteressante, da Editora Abril.

SUPERINTERESSANTE

A revista, criada em 1987, utiliza linguagem simples para explicar temas complexos a um público que não necessariamente tem conhecimento técnico sobre o assunto. Nela existem conteúdos sobre curiosidades, história, ciência, tecnologia, cultura, entre outros.

Muitos são os outros produtores de conteúdos sobre o tema e essa é apenas uma pequena amostra deste universo, que tornou-se vasto no Brasil. No país, inclusive, é onde se tem a maior disponibilidade de pesquisas gratuitas para acesso livre, segundo a Science-Matrix.

A empresa estadunidense monitora e avalia o ambiente de C&T no mundo. De 2008 a 2014, 75% das publicações científicas do país têm acesso liberado para quem quiser. Os portais SciELO e ResearchGate têm participação relevante nesse montante, ocupando a primeira e a segunda colocação, respectivamente, no ranking de relevância e quantidade de postagens no Brasil.

CIÊNCIA HOJE

Fundada em 1982, em São Paulo, a Ciência Hoje, assim como a Ciência Hoje Criança, são organizadas pelo Instituto Ciência Hoje (ICH). A instituição é uma organização privada, sem fins lucrativos, voltada à divulgação científica no Brasil, segundo o site da revista.

3.2 O mapa étnico e de gênero da ciência no Brasil

Será analisada e discutida mais adiante a representação das pessoas negras em publicações que se identificam na cobertura de ciência e tecnologia. Por isso, é importante, para que não haja distorção no objeto de estudo, entender como está

configurado o mosaico étnico-racial e de gênero nessa área no Brasil. Mesmo o tema sendo de interesse público e de interesse do público, não é fácil encontrar dados de institutos oficiais que quantifiquem, especificamente, o percentual de negros na área de tecnologia e ciência.

Por isso, é necessário expandir essa abordagem para se obter uma melhor contextualização de onde e de quem esta análise está tratando.

Gráfico 3 - Distribuição das bolsas do CNPq em todas as modalidades no País, segundo cor/raça



Fonte: CNPq (2015)

Segundo estudo feito pelo CNPq, entre 2013 e 2014, negros ocupam mais de um quarto das bolsas de pesquisa distribuídas no Brasil, representando 26% do total. Mesmo assim, são minoria em representatividade, já que “a participação de bolsistas brancos é muito significativa, cerca de 58%”. Pessoas que se declaram como amarelos e indígenas têm pouco espaço, tendo os indígenas menos de 1%. “Cabe destacar que aqueles que não desejam declarar sua cor/raça representam quase 11% do total (9.918)”.

O projeto Preta Lab¹² se descreve como “uma iniciativa com foco em estimular a inclusão de meninas e mulheres negras e indígenas no universo das novas tecnologias”. Criado pelo Olabi, um espaço dedicado à apropriação de novas tecnologias e união de diferentes pessoas, o Preta Lab faz um levantamento sobre a necessidade de incluir mais mulheres negras na C&T. A partir de alguns estudos disponíveis no seu site, é possível entender melhor esse contexto. São alguns deles:

Nos EUA, 5,8% das pessoas negras ocupam postos de emprego na indústria da tecnologia, enquanto brancos são 8,5% do total. Esses são dados levantados pela

¹² Disponível em: <https://www.pretalab.com/>. Acesso em 24 jun. 2019.

pesquisa *Save Our Cities: Powering The Digital Revolution – State of Black America*, realizado em 2018, e concentram-se no estado do voto negro, com ênfase em seu poder e vulnerabilidade à supressão.

Segundo o estudo *Athena Factor 2.0: Accelerating Female Talent in Science, Engineering & Technology*, que trabalha com inovação e diversidade na área de C&T, 52% das mulheres que trabalham nas áreas de Ciência, Tecnologia e Engenharia no Brasil, China, EUA e Índia, abandonam seus empregos devido aos ambientes de trabalho hostis, isolamento, pressões extremas de trabalho e falta de clareza em relação aos planos de carreira.

A *Pew Research Center*, que fica no distrito de Washington, nos EUA, busca informar de forma apartidária sobre questões, atitudes e tendências que moldam o mundo e mostra que 62% dos homens e mulheres da área de STEM dizem já ter passado por discriminação no ambiente de trabalho por sua raça ou etnia.

Ainda conforme o levantamento do Preta Lab, com base na pesquisa do Centro de Inovação e Talento, publicada na *Harvard Business Review*, “77% das mulheres negras em empresas de alta tecnologia afirmam que precisam provar sua competência mais do que seus pares”.

O Grupo de Gênero da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) discute temas sobre gênero, feminismo, ciência, tecnologia e correlatos. Um levantamento feito pelo grupo mostra que, durante os 121 anos da escola, somente sete mulheres se formaram entre os mais de 30 mil que de lá saíram.

O portal estrangeiro *Scientista* concentra-se nas necessidades específicas de estudantes universitárias e de pós-graduação. Segundo ele, 10,7% dos diplomas adquiridos nas engenharias foram por mulheres e apenas 1% delas estavam empregadas em 2010 nos EUA.

Conforme mencionado no começo deste tópico, é difícil mensurar o número de negros que atuam na área de ciência e tecnologia, tanto pelo baixo número de pessoas que conseguem permanecer no ramo, quanto pela falta de pesquisas sobre o assunto. Por isso, é possível perceber que, mesmo quando esses dados existem, mulheres são pouco mencionadas, já mulheres negras, quase não aparecem.

3.2.1 Iniciativas para mudar o cenário de C&T

Apesar das desigualdades étnico-raciais e sociais exploradas anteriormente neste trabalho, existem diversas iniciativas que se dedicam a conscientizar sobre o assunto e promover mais diversidade e inclusão em ambientes de difícil acesso.

A base desses projetos é a educação. Por isso, eles ensinam sobre diferentes possibilidades de carreira e como ingressar nesses mercados de trabalho, começando pelo conhecimento. Veja a seguir alguns deles.

AFROPYTHON

É um projeto que visa aumentar a diversidade e a inclusão de pessoas negras na área da tecnologia da informação. Oficinas, palestras, *meetups*, entre outros, são organizados para debater a representatividade e o protagonismo na área de STEM. A iniciativa surgiu em 2017, em Porto Alegre, e agora se espalha pelo Brasil, já tendo atividades em São Paulo e Recife, por exemplo.

GOOGLE FOR BRASIL

Visa incluir, inovar e transformar a vida de pessoas. Segundo o site oficial do projeto, o objetivo "é ajudar os brasileiros a aproveitar ao máximo as oportunidades que a internet oferece". Com foco em soluções tecnológicas, uma das iniciativas implementadas no país foi o Google Station: uma plataforma que disponibiliza redes de internet sem fio de forma gratuita.

UX MINAS PRETAS

Conforme a divulgação do último evento, em Porto Alegre, o UX para Minas Pretas é uma iniciativa que visa promover o compartilhamento de informações e experiências sobre a atuação profissional da área de Design de Interação (UX e UI), com vistas a

colaborar para capacitação de Mulheres Negras. O projeto acontece em diversas cidades no Brasil.

AFRO ENGENHARIA

Segundo a página do Facebook do projeto, criado pelo profissional da área de audiovisual, Hugo Lima, o Afro Engenharia tem a missão de levar infraestrutura audiovisual, de qualidade, para quem sempre produziu com muito pouco. Os equipamentos desenvolvidos são de baixo custo, principalmente cineastas negros.

OUTROS NOMES

Além dos citados acima, existem muitos outros. O Preta Lab disponibiliza em seu site alguns nomes de projetos que visam diversificar e promover a inclusão na tecnologia e na ciência. Entre eles estão: OxenTI Menina, Rede de Ciberativistas Negras, Blogueiras Negras, Pretas Hackers, Desabafo Social, Gato Mídia, Criola, Criadoras Negras RS, Minas Programam, data_labe, Black Rocks, Instituto Mídia Étnica, MariaLab, InfoPreta, Preta Nerd, Coletivo Nuvem Negra.

4 O NEGRO NA COBERTURA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

A área de tecnologia está em constante crescimento, com mais vagas de trabalho em aberto do que pessoas qualificadas disponíveis no mercado, mesmo mais de 13,4 milhões de brasileiros estando desempregados, conforme levantamento da *InfoMoney* (2019). A revista brasileira é especializada no ramo financeiro, em assuntos como ações, investimentos e bolsas de valores. Já na área da ciência, sempre há demanda de profissionais para realizar pesquisas sobre perguntas não respondidas pela humanidade, conforme mostra o Guia do Estudante (MATIAS, 2017), da editora Abril, onde coloca o ramo da Engenharia e TI como um dos que mais precisam profissionais. Apesar disso, o perfil das pessoas que ocupam cargos dentro de STEM é claro: são brancos, como mostram os estudos abordados neste trabalho anteriormente.

Pessoas negras são um grupo majoritário no Brasil, mas se vêm sub representados nesses ambientes. Abordaremos a seguir como isso se reflete nas abordagens de duas das principais revistas sobre C&T no Brasil.

4.1 A Revista Superinteressante e a Revista Galileu

A revista Superinteressante é de propriedade do Grupo Abril, um dos maiores e mais influentes montantes de Comunicação e Distribuição da América Latina. Já a revista Galileu pertence à Editora Globo, do Grupo Globo, o maior conglomerado da indústria de comunicação do Brasil, e um dos maiores do mundo, presente em mais de 100 países.

A Superinteressante começou a ser publicada no Brasil em setembro de 1987, já a Galileu, em 1991. Ambas têm públicos parecidos. Elas produzem conteúdos para aqueles que procuram informações sobre tecnologia, ciência, curiosidades, futuro, política, comportamento, sociedade, descobertas da humanidade, entre outros. Elas concorrem entre si e traduzem em linguagem acessível e mais simples, assuntos técnicos, ou que apenas pesquisadores e pessoas da área da pesquisa entenderiam, a um público geral, que gosta dos temas.

Cabe fazer algumas comparações entre elas, com base em informações disponibilizadas nos *medias kits* da Galileu (2015) e da Superinteressante (2016/2018).

Figura 12 - Superinteressante x Galileu

AUDIÊNCIA GERAL

REVISTA	LEITORES ¹	9 Mercados	546.000
		Projeção Brasil	3.094.000
	CIRCULAÇÃO TOTAL (IMPRESSA + DIGITAL) ²	Assinaturas	185.320
		Avulsas	20.166
Total		205.486	
SITE	ACESSOS ³	Page Views	11.659.000
		Unique Visitors	6.435.536
		Time Spent	2m38s

Fonte: PubliAbril (2018)

A Superinteressante chega a atingir mais de três milhões de leitores no Brasil, somente com sua revista, além de quase 6,5 milhões de visitantes individuais mensalmente em seu site.

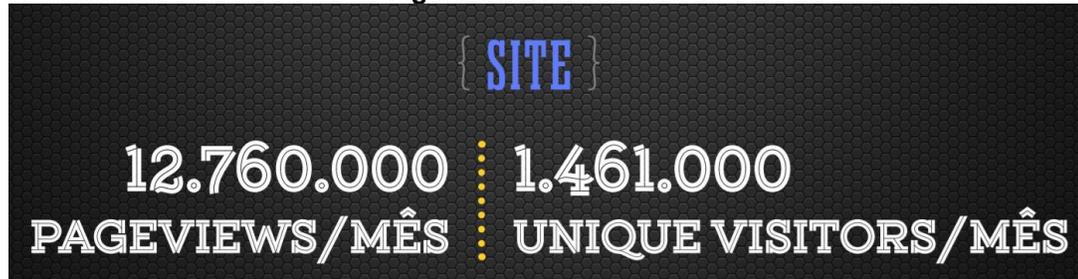
Figura 13 - Superinteressante



Fonte: Galileu (2015)

Mesmo com números menos expressivos, a Galileu consegue uma fatia considerável deste público também, com quase 96,5 mil exemplares mensais.

Figura 14 - Revista Galileu



Fonte: Galileu (2015)

Já seu site atinge quase 1,5 milhões de visitantes únicos por mês.

O público que acessa a Galileu é formado, em média, por 52% de mulheres, 29% entre 25 a 34 anos, sendo 76% de classe AB. Em geral, é um público que costuma estar no final do ensino médio, na universidade ou na pós-graduação, com um poder aquisitivo de compra acima da média no país.

A Superinteressante não fica muito longe, mas tem suas diferenças. 60% dos leitores são homens, que têm cerca de 31 anos. 96% de seus usuários discutem com outra pessoa sobre o que leram na revista, onde gastam 43 minutos de leitura em média.

Já os da Galileu costumam ficar seis vezes mais tempo no seu site do que no da Superinteressante. São 13 minutos contra 2. Ela também vence no número de páginas acessadas, 8 contra 3.

Juntas, elas formam parte significativa das referências que os brasileiros têm sobre a área de STEM, mais especificamente: tecnologia e ciência.

4.2 Metodologia: análise de conteúdo

Como abordado no subtópico 2.5.1, a maioria dos brasileiros tem acesso à internet e quase todos utilizam o celular para fazer isso durante o dia. Com isso, percebe-se um comportamento crescente de migração das plataformas tradicionais (televisão, impresso, rádio, etc) para o digital.

Editora-chefe e diretora digital do jornal, Klas Granström conta em uma matéria para o International News Media Association (INMA) que juntos, o site e os aplicativos se concentram em até 70% nas plataformas mobile.

Essa é uma tendência do mundo contemporâneo de consumo instantâneo das informações. Por isso, a análise deste trabalho foca nas versões digitais das revistas mensais Galileu e Superinteressante. A exibição online da Galileu é idêntica à imprensa, mas em formato de PDF, com opção de efeito folhagem, para imitar o papel físico. Já a Superinteressante dispõe as matérias em formato de publicações, como em um blog, onde texto e as ilustrações são distribuídas em uma timeline única.

O objetivo deste trabalho é analisar a frequência em que as pessoas negras aparecem em reportagens de ciência e tecnologia nas revistas Galileu e Superinteressante e em qual contexto isso acontece.

Foram escolhidas seis edições, três de cada uma das revistas, dos meses de setembro, outubro e novembro de 2018, por serem recentes e com maior probabilidade e oportunidade de suas abordagens estarem inseridas em contextos atuais. Destas, apenas as reportagens foram selecionadas, que, por serem o carro chefe das revistas, ocupam o maior espaço e levam o maior número de fontes, referências de fontes, imagens e tempo para a elaboração.

A metodologia escolhida para isso foi a de análise de conteúdo, com apoio dos dados de amostragem quantitativa. Foram estabelecidas duas análises: a de imagens e a dos textos. O levantamento total de nomes descritos nas revistas ficaram separados em duas categorias: imagens ou ilustrações; e fontes, podendo, essas, serem primárias, as que deram depoimentos, secundárias, as que foram utilizadas indiretamente e que foram contabilizadas conjuntamente, ou as citadas, que foram apenas mencionadas como referência ao longo do texto.

Foram contabilizadas as fontes de cada reportagem, sendo o total levantado de 135 fontes primárias, 33 fontes secundárias, 43 imagens e 249 nomes citados.

Laurence Bardin é especialista em análise de conteúdo e atual professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V. Ela aplicou essas técnicas na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas, conforme descreve a sinopse de seu livro *Análise de Conteúdo* (2009). Para ela, esse método é:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à

extracção de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 2009, p. 9)

Bardin complementa que, ao emitir uma mensagem, a recepção desta mesma gera uma absorção, e com ela um entendimento sobre isso.

Ao desempenharem o papel de «técnicas de ruptura» face à intuição aleatória e fácil, os processos de análise de conteúdo obrigam à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa. Se este intervalo de tempo é rico e fértil então, há que recorrer à análise de conteúdo. (BARDIN, 2009, p. 9)

Conforme Moraes (1999, p. 2), que é doutor em Educação e leciona na PUCRS, este tipo de análise é utilizada para “descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos”, sendo possível assim entender melhor seus discursos.

Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p. 2)

Quantificar o que é analisado é uma forma de ajudar e entender o contexto do que é observado e seus significados.

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas. (MORAES, 1999, p. 2)

Na revista Galileu, foram analisadas 17 reportagens. Em “Viver do que a natureza dá”, “Guerra de canudos”, “Um mal necessário?” e “Chico Mendes”, os assuntos tratados são sobre ativismo ambiental, pessoas que defendiam a causa e quais os impactos a ação humana causa para a natureza e a saúde das pessoas. Em “A história da lágrima” e “Chama no zap, doutor”, os temas são sobre comportamento e debates contemporâneos que o mundo digital permite. Em “Video game é coisa séria!” e “Para que serve o Nobel?” se fala na relevância que histórica de jogos e prêmios. Em “Um museu imortal” e “Tem uma cidade no meio do caminho”, o foco são patrimônios históricos da humanidade que podem desaparecer. Em “A democracia morreu, viva a democracia!” e “Vote com ciência”,

se fala sobre política e propostas de candidatos brasileiros para a área da ciência. Em “Na natureza selvagem”, “Primeiro Instagram da História” e “O francês renascido”, são abordados temas de culturas diferentes ao longo da história, religião e natureza. Em “Bora nadar, campeões?” são estudadas doenças, a partir do esperma. E em “Sem quebrar a cabeça” se dá dicas de como estudar para provas.

Na revista Superinteressante também foram analisadas 17 reportagens. Em “Como a ciência explica o ódio eleitoral”, “A era da burrice” e “As fake news talvez não sejam tudo isso”, temas de comportamento envolvendo política e ideologias são debatidos. Em “Biohacking”, “A inteligência secreta das plantas”, “Alysson Muotri: o criador de cérebros” e “Mapeamento do DNA: a nova arma contra a depressão”, os temas tratados são sobre a tecnologia em favor da biologia. Em “Quanto pesa um quilo” e “Sirius: a empreitada mais ambiciosa da ciência brasileira” se fala sobre física e investimentos em ciência. Em “Pão: os primeiros 14 mil anos de história” e “Nicolau II, o tirano que virou santo”, os temas são sobre fatos curiosos da história de coisas e pessoas. Em “A saga do queijo canastra” e “O país do agrotóxico” se fala sobre alimentação. Em “Maus-tratos aos animais” é tratado como a indústria explora os animais. Em “Foco: onde foi parar o seu?” se fala sobre problemas com atenção. Em “O guia linguístico das galáxias” se fala sobre o mundo nerd. E em “Os heróis desconhecidos da escravidão” se fala sobre personagens não contados ao longo da história da escravidão.

4.3 Uma análise da representatividade negra no jornalismo de ciência e tecnologia no Brasil

Ao longo da análise das reportagens da Galileu e da Superinteressante, que tem como pressuposto a cobertura do jornalismo de ciência e tecnologia, foi possível notar a ausência de pessoas negras nos textos e também nas imagens. Como já havia sido discutido nesta monografia, isso é um padrão também encontrado em outros tipos de mídia e editoriais.

Das 154 fontes totais, apenas 17 eram negras, contra 137 não negras. Ou seja, mais de 100% a acima. As outras 14 não foram identificadas, mas mesmo que todas elas

fossem negras, a comparação permaneceria desleal, 31 *versus* 137, menos de 24% do total, o que dificilmente aconteceria, levando em consideração a frequência que pessoas negras foram destaque nas edições. Para definir quem se encaixava como negro, foram utilizadas declarações pessoais dos personagens analisados. Na ausência destas, as avaliações foram feitas com base nas regras de universidades e concursos públicos, abordadas neste trabalho anteriormente, como tom de pele, forma de boca, nariz, textura de cabelo, ancestralidade, entre outros.

Os contextos em que as fontes negras apareceram também apresentaram um estereótipo conhecido e já debatido neste trabalho: apenas em temas como escravidão, orixás, mortes em acidentes de trabalho e cultura.

Figura 15 - Capa Revista Galileu



Fonte: Revista Galileu (2018)

Na Galileu, a única reportagem que teve destaque na capa com uma pessoa negra foi “A história da lágrima”, onde foram entrevistados artistas e personalidades populares no Brasil, pelo trabalho com o Hip hop e a ressignificação de identidades, por exemplo. Entre elas, o destaque é o artista Rincon Sapiência, um rapper e poeta brasileiro, que também é a capa da revista. O tema principal eram os novos conceitos de masculinidade, questionando o papel do homem e do homem negro em sociedade. Mesmo assim, apenas três fontes utilizadas eram negras, enquanto 12 eram não negras.

Esse tipo de abordagem coloca essas pessoas apenas em locais de fala de ancestralidade, escravidão, sofrimento e entretenimento, mas não de política, economia e ciência, por exemplo.

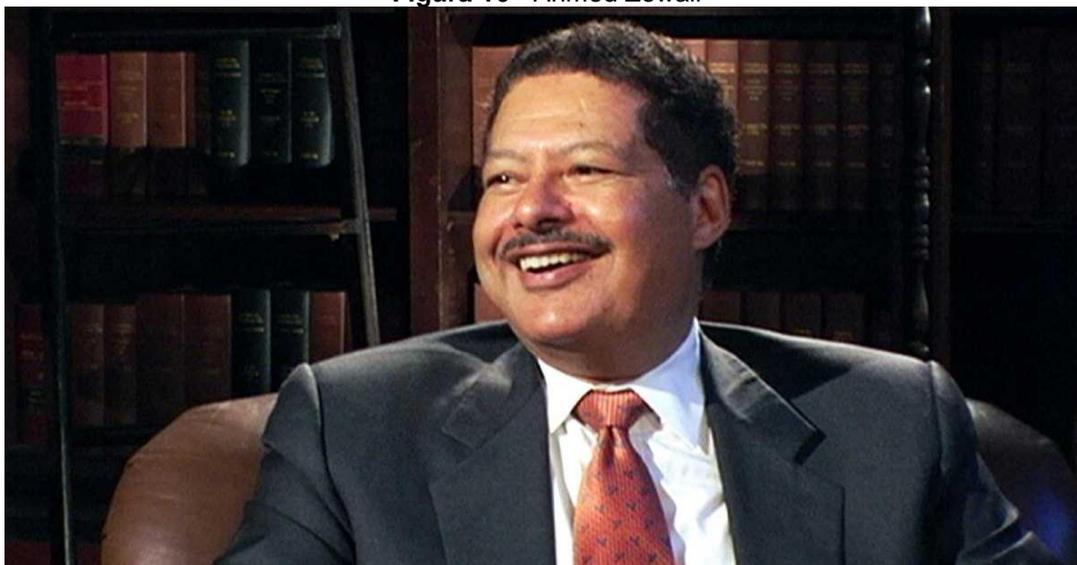
Outras reportagens com fontes negras na revista foram “Para que serve o nobel?”, com uma, contra quatro não negras. “Um museu imortal”, com três, contra nove não negras. “Vote com ciência”, com duas, contra oito não negras. “Chama no zap, doutor”, com uma, contra quatro não negras. “Chico Mendes”, com duas, contra seis não negras. E “Tem uma cidade no meio do caminho”, com uma, contra três não negras.

A única reportagem que teve mais fontes totais negras do que não negras foi a “O francês renascido”, que falava sobre orixás africanos. No total foram quatro, contra três não negras. Em “Primeiro Instagram da História” houve o mesmo número de fontes negras e não negras, uma de cada.

Já na Superinteressante, o número foi ainda mais preocupante. Nenhuma das fontes identificadas utilizadas na matéria era negra. Como apenas sete, do total, não foram identificadas, são 68 fontes: 61 não negras e nenhuma negra, assim como as capas. Se as outras sete fossem negras, ainda assim seriam menos de 5% do total. Edithe Pereira foi a única fonte negra que apareceu em algumas das imagens das reportagens.

4.3.1 Quem é quem: análise das fontes negras nas reportagens das Revistas Galileu e Superinteressante

Vale recordar que, neste subcapítulo, serão analisadas as fontes que são negras, em comparação à quantidade das não negras, nas reportagens escolhidas. São incluídas apenas as fontes citadas em texto, portanto, as que não são representadas por fotografia nas reportagens analisadas. Para isso, recorreremos a imagens públicas, como reportagens, perfis oficiais acadêmicos e profissionais. Depois, as submetemos à análise do autor e ao enquadramento já citado no Instituto Federal do Pará, em 2016, no terceiro subcapítulo, do capítulo dois, que define características físicas e do fenótipo, como tom de pele, nariz, boca, textura do cabelo e barba, por exemplo.

Figura 16 - Ahmed Zewail

Fonte: Yacoob (2017)

Em “Para que serve o Nobel?”, na Galileu de novembro de 2018, entre todos os 37 nomes citados e as cinco fontes utilizadas na reportagem, Ahmed Zewail foi a única pessoa negra e o único cientista negro. Ele ganhou o Prêmio Nobel de Química pela pesquisa de base, que possibilitou uma área inédita na química, a conhecida femtoquímica, que ajuda a compreender de forma mais abrangente como o metabolismo dos seres vivos funciona, como a fotossíntese.

Figura 17 - Solange Ferraz de Lima

Fonte: Lima (2017)

Em “Um museu imortal”, entre as fontes negras, Solange Ferraz de Lima foi uma delas. Doutora em história social pela USP (2001), ela é docente da universidade e pesquisadora de cultura visual e representações urbanas, além de ser diretora do Museu Paulista. No texto ela explica como a digitalização de livros possibilitaria futuras perdas de acervos históricos em casos de incêndios.

Figura 18 - Juliana Monteiro



Fonte: Creative Commons (n.a.)

Outra referência negra entrevistada nesta mesma matéria foi Juliana Monteiro, na Galileu de novembro de 2018. A museóloga e coordenadora de projetos Glam na Wikipédia brasileira. Ela explica como a porcentagem do acervo das bibliotecas já digitalizadas no Brasil ainda é pequena.

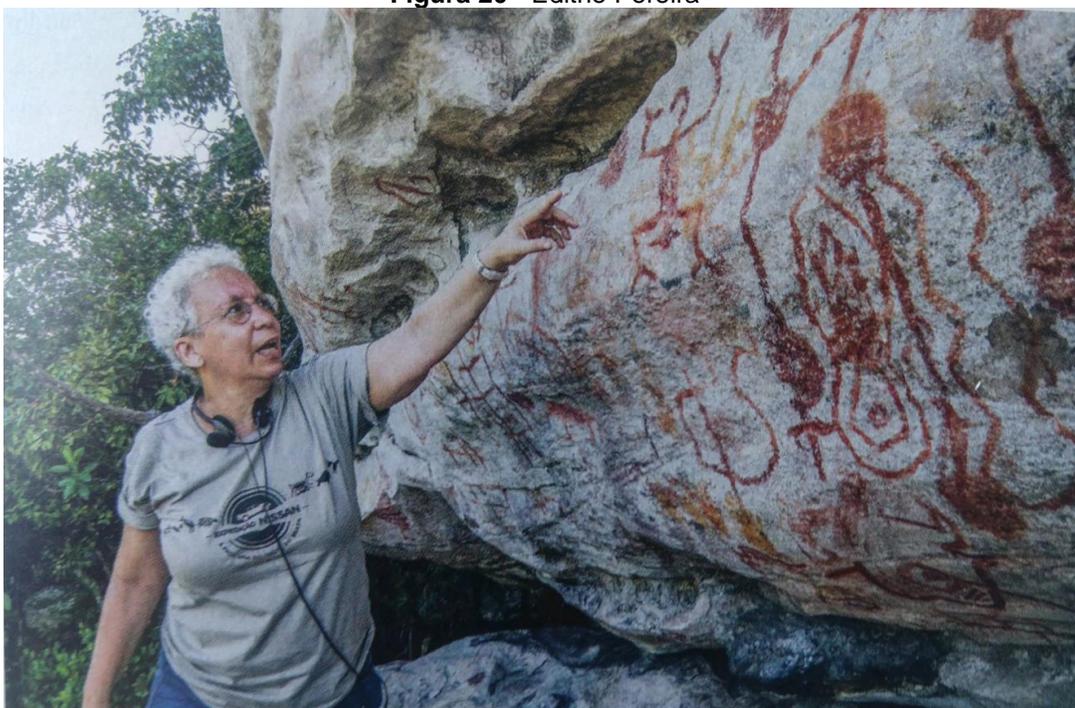
Figura 19 - Guilherme Boulos e Marina Silva



Fonte: Esquema elaborado pelo autor (2019)

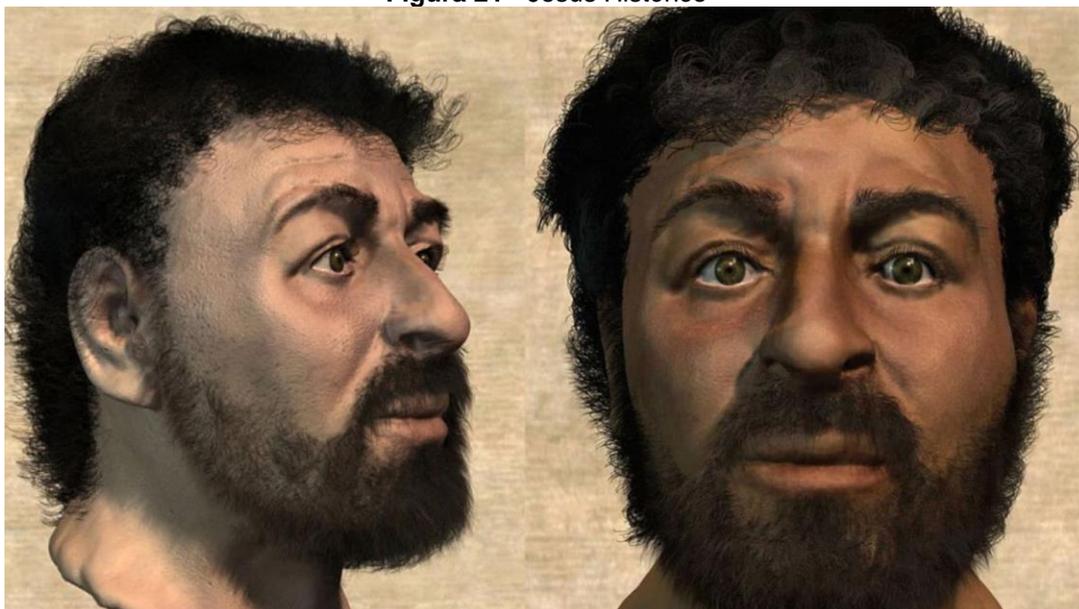
Em “Vote com ciência”, na Galileu de outubro de 2018, as duas fontes negras encontradas foram Guilherme Boulos e Marina Silva, ambos candidatos à presidência nas eleições do Brasil para o mandato de 2019. Todos os presidentiáveis foram convidados a responder sobre as suas propostas para a ciência no país. O destaque para cada um foi o mesmo, em teoria, com espaços parecidos para se pronunciarem.

Figura 20 - Edithe Pereira



Fonte: Revista Galileu (2018)

Em “O primeiro Instagram da história”, na Galileu de outubro de 2018, a doutora em geografia e história pela Universidade de Valência, na Espanha, e arqueóloga Edithe Pereira aparece em uma das fotos apontando para desenhos em uma rocha, na reportagem sobre pinturas rupestres. Ela é a única fonte negra que aparece em alguma imagem dentre as reportagens. Esse é um ponto importante, pois se tem uma mulher, negra, mais velha, que é tratada como uma referência em uma área técnica.

Figura 21 - Jesus Histórico

Fonte: Beyond Science (2015)

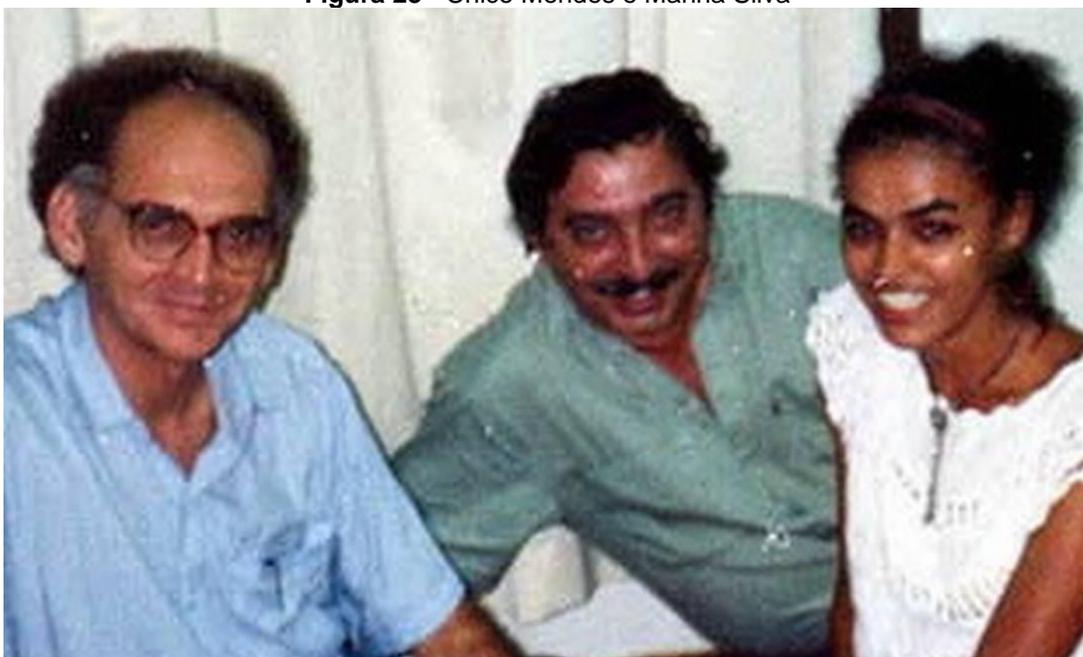
Um fato curioso é que uma das pessoas citadas na matéria é Cristo. O que é uma ironia, uma vez que, até alguns anos atrás, ele era retratado como caucasiano. Até que historiadores e o movimento negro levantou o debate sobre como alguém nascido e criado no Egito teria um tom tão claro de pele e não negro, ou pelo menos, de pele escura. Assim ficou conhecida a proposta conhecida como “Jesus Histórico”, diferente do “Jesus Católico”, que tenta ilustrar de forma mais realista como ele teria sido em vida.

Figura 22 - Vander Corteze

Fonte: Lira (2016)

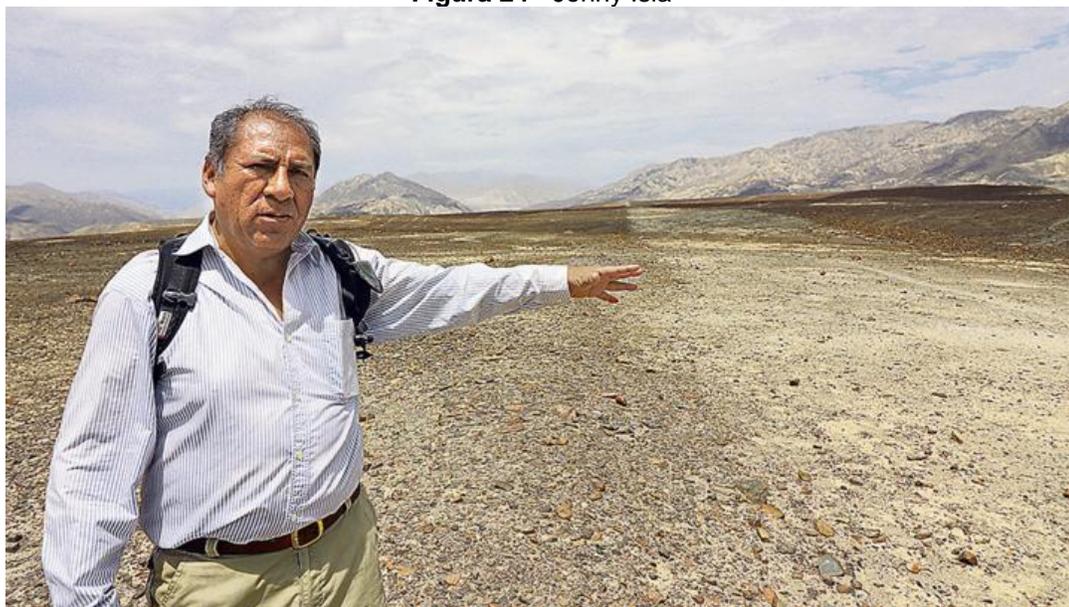
Em “Chama no Zap, doutor”, na Galileu de setembro de 2018, a única fonte negra foi Vander Corteze, médico niteroiense que criou um aplicativo para conectar médicos e pacientes que querem receber atendimento domiciliar. Na matéria ele aparece como um case de sucesso, por ter construído a sua empresa em um ramo novo no mercado.

Figura 23 - Chico Mendes e Marina Silva



Fonte: Uol (2014)

Em “Chico Mendes”, na Galileu de setembro de 2018, uma das fontes negras encontradas é o próprio Francisco Alves Mendes Filho, ativista que foi assassinado por defender a preservação dos seringueiros da Bacia Amazônica, a qual a subsistência dependia da manutenção da floresta e das seringueiras nativas. A outra é a seringueira Marina Silva, atual política brasileira. A reportagem conta a relação de amizade dos dois, e como a morte do ativista foi planejada.

Figura 24 - Johny Isla

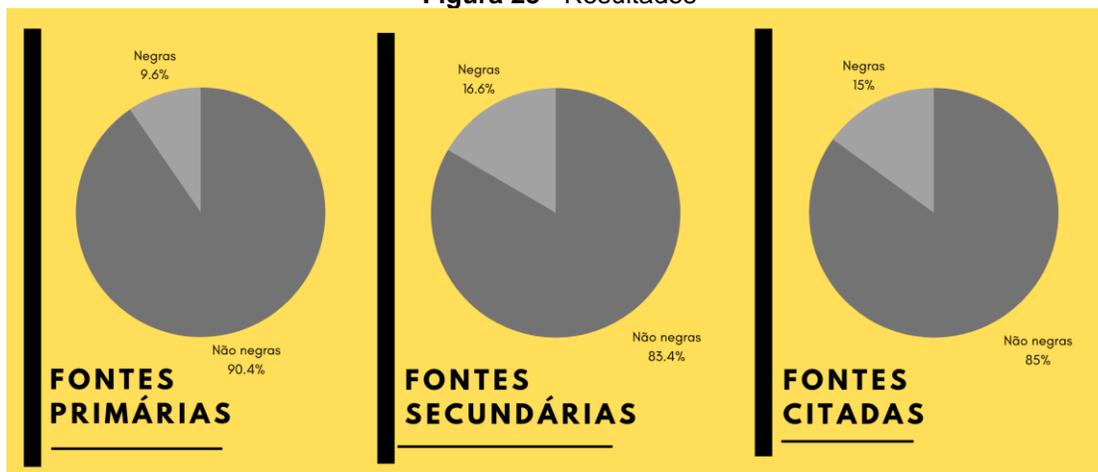
Fonte: Scribol.com (n.a.)

E em “Tem uma cidade no meio do caminho”, na Galileu de setembro de 2018, que fala sobre a danificação das linhas de Nazca, a única fonte negra foi Johny Isla, um arqueólogo que estuda o local desde os anos 90. Com Markus Reindel, do German Archaeological Institute’s, Isla passou décadas tentando documentar os fascinantes geoglifos do deserto de Nazca.

O número de nomes citados como referências dentro das reportagens seguiu a mesma linha. Na Galileu foram 166, 136 não negros, 20 negros e 8 não identificados. Na Superinteressante foram 83, 65 não negros, 16 negros e 2 não identificados.

Negros apareceram como entidades, personalidades religiosas, ex-escravos guerreiros da época da colonização, trabalhadores do agronegócio e, em casos raros, eram cientistas ou outros papéis.

Figura 25 - Resultados



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Quanto a separação entre fontes primárias e secundárias, percebe-se que as analisadas neste espaço tiveram um total de 9,6% negras e 90,4% não negras entre as primárias (de 224). 16,6% negras e 83,4% não negras entre as secundárias (de 30). E 15% negras, com 85% não negras entre as que foram apenas citadas durante os textos (de 239). Entre todas, apenas Ahmed Zewail era cientista, um total de 6,64% das fontes.

Percebe-se que a frequência de fontes negras, em todas as categorias, tende a ser secundária, não atingindo um quinto do total.

4.3.2 Quem aparece e onde: análise das imagens de pessoas negras nas reportagens de Galileu e Superinteressante

Nas fotografias e ilustrações, o número de pessoas negras também foi destoante. Na Galileu, negros aparecem em 9 das 25 imagens.

Figura 26 - Video game é coisa séria!



Fonte: Do autor (2019)¹³

Em “Video game é coisa séria!”, pessoas negras são representadas em ilustrações de jogadores de futebol, basquete e corredor. Intencionalmente ou não, elas entram no padrão de carreiras que essa população está acostumada a se enxergar: atletas e esportistas. Isso levanta outro debate, pois mesmo no ambiente do futebol, por exemplo, existem poucos técnicos e treinadores negros.

Luiz Otávio Teles conta, com base em sua vivência, conta em entrevista¹⁴ ao site Super Esportes, “existem vários esportistas negros, principalmente no futebol. Quase não existem dirigentes negros, não se restringe apenas ao cargo de treinador. Falta representatividade em cargos de autoridade”. Luiz é sociólogo do esporte e professor da Universidade Católica de Brasília.

¹³ A partir de Revista Galileu.

¹⁴ Gammarro (2018).

Figura 27 - O francês renascido



Fonte: Do autor (2019)¹⁵

Em “O francês renascido”, todas ilustrações incorporam pessoas negras. Porém, a abordagem é a mesma, com uma narrativa que, ao tratar de religiões de matriz africana e ancestralidade, utiliza registros de povos nativos do continente africano. Somente pessoas negras são praticantes de religiões de matriz africana? Negros são adeptos apenas dessa linha de espiritual? Isso não está escrito na matéria, mas comparando os padrões das narrativas encontradas historicamente sobre o povo negro, é possível afirmar que essa abordagem não é diferente do que já se encontra em outros lugares.

Figura 28 - Vamos nadar, campeões?



Fonte: Do autor (2019)¹⁶

¹⁵ A partir de Revista Galileu.

¹⁶ A partir de Revista Galileu.

Em ‘Vamos nadar, campeões?’, mulheres negras aparecem em uma ilustração que acompanha a linha de apoio “estudo mostra que só 14% dos membros da Academia Brasileira de Ciências são mulheres”. Nesta imagem é possível perceber uma diversidade, com seis mulheres de etnias diferentes, além dos retratos expostos na parede.

Percebe-se, aqui, um tom diferenciado na abordagem, comparando com os recortes convencionais, uma vez que a mulher negra está sendo retratada com naturalidade e não como um totem de temas exóticos. Não há menção à cor, etnia, origem ou atribuição, apenas uma mulher ilustrando o cotidiano de uma trabalhadora comum.

Assim como ela foi fonte, Edithe Pereira também aparece na fotografia de ‘O primeiro Instagram da história’. Considerando que ela foi a única mulher negra a ser exibida em todas as fotos das reportagens analisadas, isso é um fato muito importante. Edithe possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará (1982), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1990) e doutorado em Geografia e história pela Universidade de Valência, Espanha (1996). Atualmente é pesquisador Titular do Museu Paraense Emílio Goeldi. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica, atuando, principalmente, nos seguintes temas: arte rupestre, pré-história da Amazônia, carta arqueológica e arqueoturismo, segundo as informações extraídas de seu currículo Lattes. Com esse resumo da sua experiência, percebe-se que ela teve uma carreira elaborada, até chegar ao posto que ocupa hoje.

Na Superinteressante, as imagens de pessoas negras aparecem em sete das 20 imagens. Vejamos a seguir os contextos aos quais elas estão inseridas.

Figura 29 - Os heróis desconhecidos da escravidão



Fonte: Superinteressante (2018)

Em “Os heróis desconhecidos da escravidão”, como o próprio nome diz, são contadas as histórias de personagens que foram cruciais para o movimento abolicionista dos escravos negros na época da colonização.

Aqui é importante enfatizar que há indicativos de que vieses são construídos e que os enfoques partem de pressupostos. As características da pauta, do texto, as evidências e o contexto sugerem um ponto de vista. Este olhar, como abordado no segundo subcapítulo do capítulo dois, infere uma lógica já demonstrada em outras retratações ao longo da história.

Figura 30 - O país do agrotóxico



Fonte: Superinteressante (2018)

Em “O país do agrotóxico”, a reportagem questiona a real necessidade do uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos na agroindústria brasileira. Em cada uma das imagens, encontra-se uma mão negra (e pelo menos outras duas brancas) recolhendo frutos contaminados (enquanto as mãos brancas tratam a plantação, na primeira). Esse talvez não seja o debate mais importante aqui, mas é uma interpretação que não pode ser descartada.

Figura 31 - Mapeamento do DNA



Fonte: Superinteressante (2018)

Em “Mapeamento do DNA: a nova arma contra a depressão”, a reportagem fala sobre como testes genéticos auxiliam pacientes que sofrem de doenças, como depressão e ansiedade, a terem um melhor tratamento. As figuras negras aparecem, dentro deste contexto, de pessoas com problemas psicológicos. Embora, em um primeiro momento, haja uma carga negativa na abordagem dos personagens, também é um viés inusitado, já que quebra os estereótipos já levantados anteriormente sobre o negro em posições inferiores, como os escravos e empregados ou como atletas/profissionais do esporte.

Figura 32 - Resultados



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

De todas as ilustrações analisadas nas reportagens que continham imagens de pessoas, 28,3% apresentaram negros e 71,7% apresentaram pessoas não negras. Em apenas uma delas, a fonte negra entrevistada na reportagem aparece em alguma das fotos, que foi Edithe Pereira, em “O primeiro Instagram da história”. Em “Chico Mendes”, ele era fonte, mas secundária, em outro aspecto, pois estavam recontando a sua morte.

4.3.3 Por trás das pautas: quem constrói e produz as narrativas da Galileu e da Superinteressante

Embora não fosse o objetivo do trabalho, além da análise das imagens e textos, também foram levantados outros dados que também podem ajudar a refletir e analisar melhor os sentidos e contextos das narrativas.

Para isso, ainda foi levantado o número de produtores, ilustradores e fotógrafos, capas, stylers, editores e designers envolvidos na produção, com base nas informações disponíveis nas revistas. Além de perfis oficiais e entrevistas, também foram utilizadas como apoio informações de redes sociais, como LinkedIn e Instagram, que vinculassem o profissional às empresas. A contagem, assim como nos outros casos, também foi

individual para cada reportagem. Ou seja, o mesmo repórter poderia aparecer mais de uma vez, em narrativas diferentes.

Dos 39 repórteres envolvidos nas reportagens descritos nas revistas, 34 não eram negros, com apenas 4 negros e 1 não identificado. O mesmo se repete com os fotógrafos e ilustradores. Dos 33, apenas 1 era negro, contra 29 não negros e 3 não identificados. Entre os designers, todos os 18 não eram negros.

Figura 33 - Equipe de repórteres



Fonte: Esquema elaborado pelo autor (2019)

Dos repórteres que poderiam se declarar negros, com base em imagens encontradas na internet, utilizando os critérios deste trabalho, da esquerda para a direita, eles eram: Paulo Junior, jornalista que escreve sobre cultura, comportamento, games e tecnologia. Ale Santos, jornalista que fala sobre Scifi & Afro American Fantasy, é ativista e comunicador. Ana Carolina Pinheiro trabalhou na Editora Abril e atualmente é colunista da Revista Capricho. E Pedro Burgos, que já escreveu para revistas como Superinteressante, Galileu, Exame e VIP, além de ter sido editor-chefe do Gizmodo Brasil por três anos. Suas respectivas matérias foram “Videogame é coisa séria”, “Os heróis desconhecidos da escravidão”, “A saga do queijo Canastra” e “As fake news talvez não sejam tudo isso”.

No caso dos editores, que têm o poder final na tomada de decisões, dentre os 23 descritos nas reportagens, nenhum deles era negro ou negra. Isso demonstra que, nos casos analisados, alguns dos cargos mais altos das revistas são ocupados, hegemonicamente, sem uma representatividade negra.

4.3.4 Inferências sobre as fontes analisadas

A ausência de pessoas negras envolvidas, tanto na elaboração e produção dos conteúdos, nas fontes que constroem as narrativas, quanto no alto escalão que determinam o que é veiculado e o que não é, pode ser um dos fatores que influencia no resultado final das reportagens. Ela também pode se enquadrar dentro do conceito de racismo estrutural, ou racismo velado, mesmo que não proposital, mas por escala.

Feito este levantamento, com a metodologia utilizada e os conteúdos escolhidos para a análise, a Galileu destaca-se no quesito de diversidade étnico-racial, por possuir mais personagens negros em suas narrativas e também nas fotos e ilustrações das revistas, do que sua concorrente, a Superinteressante.

Por si só, isso não a torna uma revista com diversidade e inclusão, mas evidencia que a presença do negro não está mais totalmente invisibilizada no jornalismo sobre ciência e tecnologia. Com a diferença na porcentagem de pessoas negras e não negras encontrada nas páginas das edições de setembro, outubro e novembro de 2018, ambas as editoras Globo e Abril têm campo possíveis de serem explorados, para que a promoção da igualdade e equidade étnico-racial das publicações seja um de seus objetivos.

Essa incidência não se deu apenas nas fontes que tinham o cargo de cientista no conceito tradicional da profissão. Mesmo com diversos profissionais consultados ao longo das reportagens, a amostra apresentada conteve, além de cientistas, os biólogos, arqueólogos, professores, pesquisadores, psicólogos, médicos, artistas, ativistas, políticos, entre tantos outros. Mesmo assim, as fontes escolhidas obedeceram a um padrão claro, com uma maioria de brancos. Não haviam negros, em grande parte, e até em totalidade, em outros casos. O jornalismo é multicausal, refletindo o que ocorre em diversos aspectos e âmbitos da sociedade, o que já existe. Assim como na ciência e na tecnologia, na história e no mercado de trabalho.

Indo mais além, é possível perceber que, mesmo quando pessoas negras aparecem nas reportagens, elas não são de pele retinta, geralmente. Isso significa que seu tom de pele não é tão escuro, tão negro, no sentido do colorismo. Podendo, assim,

se passar como pardas ou com outras etnias não brancas, mas com menor nível de melanina, se assim desejarem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o senso comum popular referir à população negra como minoria em diversas falas, segundo o IBGE¹⁷, 54% dos brasileiros e brasileiras se declaram como negros. Essa percepção acontece, em parte, devido aos locais que este grupo costuma ocupar em diferentes âmbitos da sociedade brasileira, como na mídia e na imprensa. Ao explorar quem eram as fontes encontradas nas reportagens das revistas Galileu (Editora Globo) e Superinteressante (Editora Abril), nos deparamos com uma escassez de pessoas negras, de temas os envolvendo e de contextos abordados.

O problema de pesquisa principal foi compreender como as pessoas negras foram representadas, através dos textos, das fotografias e das ilustrações presentes nas edições escolhidas. A relevância deste tema tem ganhado força com mudanças marcantes na sociedade global, como a eleição do primeiro presidente negro nos Estados Unidos, Barack Obama, por exemplo, que ascendeu novos debates. Em um de seus discursos, ele reconhece os avanços das últimas décadas, mas enfatiza: “a raça continua a ser uma força potente e que muitas vezes divide a nossa sociedade” (UOL, 2017, n.p.). Para isso, as fontes foram contabilizadas e categorizadas como primárias, as que deram depoimentos, secundárias, as foram essenciais e utilizadas como base, e as citadas, que foram apenas mencionadas ao longo das narrativas. Nisso, os temas encontrados, em geral, foram sobre cultura, ancestralidade e escravidão, com poucos que destoavam deste padrão, como arqueologia e agricultura.

O segundo capítulo falou sobre o que é representatividade e como ela se dá. Se definiu, no primeiro subcapítulo, a diferença de representatividade e representação, onde um se refere sobre estar em um lugar e o ocupar de fato, e o outro remete aos sentidos e significados que isso carrega. Ambas têm relevância para promover visibilidade e Woodward (2000) foi peça fundamental para definir isso. No segundo subcapítulo, o tema foi aprofundado, focado em mostrar como as pessoas negras foram retratadas ao longo da história, desde a arte, até o cinema e a literatura. Apenas em 2018, por exemplo, foi lançado um filme com super-heróis negros protagonistas. O conceito sobre o que é ser negro foi estabelecido no terceiro subcapítulo, com critérios parecidos aos do Instituto

¹⁷ Estadão (2017).

Federal do Pará (2016), que foram utilizados como base para a análise do objeto de estudo. Uma linha do tempo foi traçada, desde a época da escravidão, no período colonialista, para entender melhor os seus reflexos no mercado de trabalho atual, com a ajuda de Ribeiro (2018), mostrando que pessoas negras, em sua maioria, ocupam cargos de menor prestígio social. No quinto subcapítulo, há uma reflexão sobre a presença dos negros no jornalismo, os que ascenderam em suas carreiras e como, mesmo Glória Maria, por exemplo, uma das repórteres e apresentadoras mais conhecidas do país, ainda enfrenta preconceitos no século XXI.

O terceiro capítulo falou sobre o jornalismo de ciência e tecnologia no Brasil, com suporte de Oliveira (2007) e Cini (1998). No primeiro subcapítulo, foi traçado o perfil desta editoria, que muitas vezes pode ter o estereótipo de ser algo espetacular ou que produz verdade absolutas. O segundo subcapítulo mostrou que se os negros são minoria nesta área, as mulheres não ficam longe disso e, ao se tratar de mulheres negras, o número é tão pequeno que ter acesso a dados sobre o assunto é de extrema dificuldade. Por isso, foram mapeados e citados alguns projetos, como o AfroPython, fundado em Porto Alegre em 2017, que incentiva a inclusão e a diversidade neste ambiente profissional e promovem a conscientização sobre o tema.

No quarto capítulo foi falado sobre o jornalismo científico, como ele começou no Brasil e o objeto de estudo foi delimitado, escolhendo produções de duas das maiores publicações da editoria no país, além de serem as mais lembradas pela população, para serem analisadas. O primeiro subcapítulo mostrou que as duas são concorrentes, por pertencerem a editoras diferentes, além de tratarem dos mesmos assuntos, apesar de não terem públicos iguais, mas com gostos em comum. Bardin (2009) ajudou a explicar porque a metodologia da análise de conteúdo é uma técnica eficiente, se bem aplicada, com possibilidade de cifrar dados e extrair estruturas de diferentes conteúdos, para os transformar em modelos.

Das fontes quantificadas e analisadas nas reportagens escolhidas, com base nos critérios estabelecidos no trabalho, considerou-se que as pessoas negras são sub representadas no jornalismo de ciência e tecnologia, em comparação com a população geral. Somando as fontes primárias e secundárias, apenas 17 das 154 eram negras. Destas, apenas uma apareceria em alguma das imagens da reportagem. Nos temas, os

recortes, em sua maioria, se mantêm sobre ancestralidade, escravidão, cultura, ativismo social e exploração. Houve, também, temas de arqueologia e agricultura.

Dentre as fotos e ilustrações das reportagens, o mesmo padrão foi encontrado. Das 53 imagens, apenas 15 tinham pessoas negras. Nelas, os contextos exibiam ambientes de esporte, transtornos mentais e orixás, por exemplo. Em uma das reportagens se falou sobre heróis, mas a pauta era sobre personagens importantes no movimento abolicionista negro. Em outra, havia mulheres negras ilustradas para falar sobre igualdade de gênero.

Este contexto levantou um debate importante sobre como a mídia e a imprensa, independentemente de sua editoria, também está propensa a reproduzir o preconceito e o racismo velado/estrutural. A ausência de profissionais negros nesta área pode ser um dos fatores que influenciam para que isto aconteça.

Acostumado a ser o único negro em diversos ambientes, em que geralmente outras pessoas negras não frequentam, como cursos de qualificação, empresas de renome, eventos, universidades privadas, entre outros, o autor desta obra se sentiu incomodado com um privilégio social. Inspirado por isso, ao trabalhar como voluntário em um projeto social, decidiu levar este debate adiante. Assim, nasceu esta monografia.

Espera-se que os resultados deste trabalho venham a contribuir com a comunidade e os movimentos sociais, assim como oferecer novos debates sobre diversidade e inclusão nos mais diferentes âmbitos da comunidade brasileira, e quem sabe, no mundo.

O desejo principal do autor é que, um dia, discussões sobre consciência negra, assim como a importância de empoderar outros grupos minoritários em representatividade, não sejam mais necessárias. Por ora, as mais diversas ferramentas podem ser usadas para mudar este quadro, dentre elas, a mais importante é a **educação**.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **TV Brasil exhibe desde segunda especiais em homenagem à Semana da Consciência Negra**. 2017. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/nos-corredores-do-poder/2018/04/tv-brasil-exibe-especiais-em-homenagem-semana-da-consciencia-negra>>. Acesso em 24 jun. 2019.

BANTON, Michael. **A ideia de Raça**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BERGER, Peter L; LUCHMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BEYONDE SCIENCE. **Is This The REAL Face of Jesus?** 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XhLtvYhvbsU>>. Acesso em 24 jun. 2019.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. **Mídia e Racismo**. Brasil: De Petrus et Alii Editora Ltda, 2012.

BRITO, Carina. Campanha resgata imagem de Machado de Assis como negro. **Cultura. Revista Galileu**, 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/campanha-resgata-imagem-de-machado-de-assis-como-negro.html>>. Acesso em 24 jun. 2019.

BUCHMAN, Duda. Reflexão: quem ou o que determina que você é negra? **GaúchaZH**, Porto Alegre, 18 de dezembro de 2017. Revista Donna. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2017/12/reflexao-quem-ou-o-que-determina-que-voce-e-negra-cjpk85wio0085vicnjt8ulh6n.html>>. Acesso em 24 jun. 2019.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil - os desafios de uma longa trajetória**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CAMPOS, Luiz Augusto. **O pardo como dilema político**. Rio de Janeiro: Insight Inteligência, 2013.

CARVALHO, Beatriz de Guimarães. **Cinco visões sobre o jornalismo científico no país**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/08/31/cinco-visoes-sobre-o-jornalismo-cientifico-no-pais>>. Acesso em 24 maio 2019.

CGEE. **Percepção Pública de C&T no Brasil 2015** - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros, Sumário executivo. Brasília: CGEE, 2015.

CINI, Marcello. O paraíso perdido. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 23, n. 138, maio 1998.

CINTRA, José Carlos. O negro como sujeito midiático no Jornalismo e na Publicidade. Marília: **Revista Raça Brasil**, 2007.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

COSTA, Deyvisson Pereira da; SILVA, Viviane Sales da. Jornalismo científico na cultura digital: uma análise da influência do meio Revista Galileu. Araguaia: **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, n. 6, 2016.

COSTA, Hilton. **A ideia de raça no pensamento social brasileiro** – 1880-1920. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

COSTA, Tatiane Cruz Leal. **Jornalismo científico x divulgação científica**: uma análise da cobertura da COP-15. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CREATIVE COMMONS. **Juliana Monteiro**. Disponível em: <<https://creativecommons.org/author/julianamonteiro/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

CUNHA, Manuela Ivone. **Cultura, diversidade, diferenciação**. Um guia elementar. Portugal: Centro Interdisciplinar de Ciência Sociais do Minho, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Rio de Janeiro: Boi Tempo, 2016.

DIAS, Tatiana. Sistema de cotas raciais: inclusão em meio à controvérsia. São Paulo: **Nexo**, 2016. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/02/24/Sistema-de-cotas-raciais-inclus%C3%A3o-em-meio-%C3%A0-controv%C3%A9rsia>>. Acesso em 05 maio 2019.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 13.

DURKHEIM, Émile. **Ricardo Musse comenta Émile Durkheim, Fato Social e Divisão de Trabalho**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Portugal: Livraria Clássica, 1913.

FLORES, Natália; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **Entre memória e promessa: a identidade de ciência na revista Galileu**. Brasil: SciELO, 2011.

FORD, Rebecca; KIT, Borys. **'Black Panther,' 'Thor' Casts Unite for First Marvel Family Photo (Exclusive)**. The Hollywood Reporter, 2017.

GAMMARO, Victor. Séries A e B do Brasileirão não têm treinadores negros. **Futebol Nacional**: 2018. Disponível em: <https://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2018/11/20/noticia_futebol_nacional,63439/series-a-e-b-nenhum-treinador-negro.shtml>. Acesso em 24 jun. 2019.

G1/GLOBO. **Jornal das Dez com Heraldo Pereira estreia dia 5/3**. 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/v/jornal-das-dez-com-heraldo-pereira-estreia-dia-53/6533670/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

GALER, Sophia Smith. **Racismo Histórico: como mulheres negras da mitologia foram retratadas como brancas pela arte**. Brasil: BBC Future, 2019.

GALILEU. Chupa humanidade - Edição 326, setembro. São Paulo: Editora Globo, 2018.

GALILEU. **Democracia, oi sumida** - Edição 327, outubro. São Paulo: Editora Globo, 2018.

GALILEU. **O novo homem existe?** - Edição 328, novembro. São Paulo: Editora Globo, 2018.

GAÚCHAZH. **Gloria Maria conta que telhas quebraram em sua casa durante chuva no Rio: "Quase um caos"**. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2019/04/gloria-maria-conta-que-telhas-quebraram-em-sua-casa-durante-chuva-no-rio-quase-um-caos-cjuab9yiw00li01o1b21hs03q.html>>. Acesso em 24 jun. 2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade três concepções de identidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**. 2018. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

IFPA. **Anexo IV – Padrões Avaliativos**. 2016. Disponível em: <<https://www.ifpa.edu.br/documentos-institucionais/0000/concurso-tae-2016/2711-anexo-iv-padro-es-avaliativos/file>>. Acesso em 24 jun. 2019.

ILHÉU, Taís. Faculdade colore foto de Machado de Assis para lembrar que ele era negro. **Guia do Estudante**, 2019. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/faculdade-colore-foto-de-machado-de-assis-para-lembrar-que-ele-era-negro/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

JUNQUEIRA, Lília. **Representações da Discriminação Social e Retrospecção Teleficcional: Discursos de classe e geração a partir de comentários sobre a novela “Esperança”**. Pernambuco: Artigo em Livro de Atas de Conferência Nacional, 2005.

LALOUM, David. **Da representação para a representatividade**. São Paulo: Meio e Mensagem, 2016. Acesso em 04/05/2019, sábado, às 11h24: [<https://bit.ly/2Jb73nQ>]

LANGANEY, André. **Os homens**. Passado, presente, condicional. São Paulo: Fundação Editora Da Unesp, 1988.

LIMA, Eliomar de. Que tal um curso de Arte e Curadoria? **Blog do Eliomar**: 2017. Disponível em: <<http://blogdoeliomar.com.br/2017/10/17/que-tal-um-curso-de-arte-e-curadoria/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

LIRA, Adriano. Aplicativo leva médicos à casa dos clientes. **Pequenas Empresas, Grandes Negócios**, 2016. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Saude/noticia/2016/07/aplicativo-leva-medicos-casa-dos-clientes.html>>. Acesso em 24 jun. 2019.

LUCENA, Vinicius. A questão da representatividade e o sucesso de “Pantera Negra”. Atualidades. **Jornal da USP**, 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/a-questao-da-representatividade-e-o-sucesso-de-pantera-negra/>>. Acesso em 02 maio 2019.

MARQUES, Leonardo. **The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas**, 1776 - 1867. PhD dissertation. Emory University, 2013. Disponível em <<https://legacy-etd.library.emory.edu/view/record/pid/emory:f86m>>. Acesso em 22 abr. 2019.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro**: Algumas reflexões sobre a década de 20. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

MATIAS, Lisandra. Guia do Estudante (2017), da editora Abril, onde coloca o ramo da Engenharia e TI como um dos que mais precisam profissionais. **Guia do Estudante**: Por dentro das profissões, 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/conheca-as-10-carreiras-que-estao-em-alta-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

MEDEIROS, Gutemberg. **Dois livros mostram como João do Rio fazia jornalismo como arte**. O Estado de S.Paulo. São Paulo, 18 de maio de 2019. Caderno Aliás.

MCGRATH, Elizabeth. *The Black andromeda*. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes** 55:1-18 (1992).

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOSCOVICI, Serge. **Psicanálise, Sua Imagem e Seu Público**. São Paulo: Editora Vozes, edição 1, 2012.

NOVAES, Allan Macedo de. **A crise da ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante**. Brasil: INOVCOM, vol. 1, p. 5, 2006.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PIRES, Jader. Sou homem, forte e negro, e as pessoas pensam que sou violento ou limitado por isso | Caixa-preta #21. **Papo de Homem**: 2017. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/sou-homem-forte-e-negro-e-as-pessoas-pensam-que-sou-violento-ou-limitado-por-isso-or-caixa-preta/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

PUBLIABRIL. **Marcas e Plataformas**: Superinteressante. 2018. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/superinteressante>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Porto Alegre: Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Prefácio à edição brasileira**. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

RICARDO, André; NUNES, Juliana César; LEÃO, Sionei Ricardo. O jornalismo, o mundo do trabalho e a liberdade de imprensa – com justiça e igualdade racial. Uberlândia: **Revista da ABPN**, 2011.

ROCHA, José Geraldo da. Movimentos sociais e negritude no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 6, n. 12, p. 24-60, fev. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em:

<<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/176>>. Acesso em 06 jun. 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura**. São Paulo: PUCSP, 2003.

SANDRINI, Rafaela; SILVEIRA, Mauro César. **Divulgação científica por meio de blogs: desafios e possibilidades para jornalistas e cientistas**. Porto Alegre: Intexto UFRGS n. 32, 2014.

SANTANA, Henrique; SALLES, Iuri. Por que os negros não apresentam programas de televisão. Revista Vaidapé, 2017. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Vozes e Silêncio do Cotidiano Escolar: análise das relações raciais entre alunos negros e não-negros em duas escolas públicas do município de Cáceres-MT**. Cuiabá: UFMT, 2005.

SANTOS, Geovane Tavares dos; DIAS, José Manuel de Barros. Teoria das Representações Sociais: Uma Abordagem Sociopsicológica. Amapá: PRACS - **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, 2015.

SCHNEIDER, Catarina; TAVARES, Michele da Silva. **Quem pode falar sobre ciência e tecnologia?** As vozes autorizadas no discurso jornalístico de Galileu e Superinteressante. Minas Gerais: UFJF e UFMG, v. 18, n1, 2014.

SCRIBOL. **Archaeologists have found fifty enormous geoglyphs predate perus mysterious nazca lines**. Disponível em: <<http://scribol.com/a/anthropology-and-history/archaeology/archaeologists-have-found-fifty-enormous-geoglyphs-predate-perus-mysterious-nazca-lines/14/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

SERAFIM, Lizandra; SANTOS, Agnaldo. **Representação e Representatividade Nos Espaços de Participação Cidadã**. Brasil: Instituto Pólis, 2009.

SEVERO, Lara De Freitas. **O Negro Nos Livros Didáticos**. Um Enfoque Nos Papéis Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

SILVA, Ana Célia da. **A Representação Social do Negro no Livro Didático: O Que Mudou? Por Que Mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático.** Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO – Centro de Estudos Afro – Orientais, 1995, p 34; 47; 135.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, V. S.; COSTA D. P. RISCOS, BIOPODER E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: tecnociência em ação. In.: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 19 a 21 maio de 2016, Goiânia-GO. **Anais...** Goiânia, 2016.

SKOL. **Skolors.** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQx_VmCQu5w&feature=youtu.be>. Acesso em 24 jun. 2019.

Superinteressante: A era da burrice - Edição 394, outubro. São Paulo: Editora Abril, 2018.

Superinteressante: Maus-tratos aos animais - Edição 395, novembro. São Paulo: Editora Abril, 2018.

Superinteressante: O país do Agrotóxico - Edição 393, setembro. São Paulo: Editora Abril, 2018.

UOL. **Eleições 2014:** Trajetória de Marina Silva. 2014. Disponível em: <<https://eleicoes.uol.com.br/2014/album/2014/10/06/trajetoria-de-marina-silva.htm#fotoNav=10>>. Acesso em 24 jun. 2019.

UOL. **Em último discurso, Obama defende democracia e diz que racismo ainda é força que divide a sociedade.** 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/01/11/em-ultimo-discurso-obama-defende-democracia-e-diz-que-racismo-ainda-e-forca-que-divide-a-sociedade.htm>>. Acesso em 24 jun. 2019.

VENTURA, Vanessa. Base para pele negra: os 10 tons lançados recentemente pela Natura. **Beauty Editor**, 2018. Disponível em: <<https://www.beautyeditor.com.br/blog-das-convidadas/base-para-pele-negra-os-10-tons-lancados-recentemente-pela-natura>>. Acesso em 24 jun. 2019.

WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016**: homicídios por armas de fogo no Brasil. Brasília: Flacso Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em 05 maio 2019.

XAVIER, Rosane. **Representação social e ideologia**: conceitos intercambiáveis? Belo Horizonte: Psicol. Soc. vol.14 no.2, Julho - Dezembro, 2002.

YACOOB, Mohammad. Ahmed Zewail - Nobel Laureate. **IslamiCity**: 2017. Disponível em: <<https://www.islamicity.org/11074/ahmed-zewail-nobel-laureate/>>. Acesso em 24 jun. 2019.



MARISTA



PUCRS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br